



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

Eliane Lins Cesar

**CRIANÇAS ABANDONADAS: UMA HISTÓRIA DOS FILHOS E FILHAS
DOS CANGACEIROS E CANGACEIRAS NO NORDESTE BRASILEIRO
1930-1940**

**CAJAZEIRAS – PB
2022**

Eliane Lins Cesar

**CRIANÇAS ABANDONADAS: UMA HISTÓRIA DOS FILHOS E FILHAS
DOS CANGACEIROS E CANGACEIRAS NO NORDESTE BRASILEIRO
1930-1940**

Monografia apresentada a disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em História da Universidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Profa. Dr^a. Janaina Valéria Pinto Camilo

**CAJAZEIRAS – PB
2022**

C421c Cesar, Eliane Lins.
Crianças abandonadas: uma história dos filhos e filhas dos cangaceiros e cangaceiras no nordeste brasileiro 1930-1940 / Eliane Lins Cesar. - Cajazeiras, 2022.
70f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Janaina Valéria Pinto Camilo.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2022.

1. Cangaço - história. 2. Cangaceiros. 3. Nordeste. 4. Abandono de crianças. 5. Infância. I. Camilo, Valéria Pinto. II. Universidade Federal de Campina Grande. III Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 316.423.3(812/813)

ELIANE LINS CESAR

**CRIANÇAS ABANDONADAS: UMA HISTÓRIA DOS FILHOS E FILHAS
DOS CANGACEIROS E CANGACEIRAS NO NORDESTE BRASILEIRO
1930-1940**

Aprovado em: ___ / ___ / ___

Comissão examinadora

Dra. Janaína Valéria Pinto Camilo - UFCG
(Orientadora)

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana - UFCG
(Examinadora)

Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa - UFCG
(Examinadora)

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa - UFCG
(Examinador – Suplente)

**CAJAZEIRAS – PB
2022**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado chegar até aqui.

Agradeço aos meus pais Edilva Alves e Sebastião Soares, pelos ensinamentos e lutas que enfrentaram para que eu pudesse chegar até aqui. Mesmo com o pouco estudos que tiveram, sempre me ensinaram que este seria o melhor caminho para alcançar meus sonhos e objetivos.

Aos meus irmãos que apesar de serem mais novos são os meus exemplos e inspirações, Erika Lins e Eduardo Alves.

Agradeço aos amigos e familiares que sempre acreditaram e me incentivavam com palavras de apoio e carinho. Em especial minha prima Fernanda Alves que a tenho como irmã, e sempre esteve disposta a me ajudar nessa minha caminha. (Obrigada por fazer de sua casa uma pensão, rrsrs).

A minha orientadora Profa. Dr.^a Janaina Valéria Pinto Camilo que acreditou no meu projeto e com toda paciência e dedicação me ajudou na construção desse trabalho.

Aos professores do curso de história, pelos ensinamentos transmitidos.

Quero agradecer também pelas amigas que a residência universitária me presenteou, Graziela Lopes e Bruna de Sá. Estas, me ensinaram a sobreviver em uma residência e alegravam os meus dias, e, também, a Kaline e Laiza que apesar do pouco tempo de convivência são pessoas maravilhosas e tive o prazer de conhecê-las. Do Q12 (quarto que dividimos na Residência Universitária) para vida.

Aos colegas de curso que cruzaram o meu caminho, em especial os amigos e colegas Claudilene Gonçalo, Francisco Lucas, Hosana da Silva e Aline Lacerda, por cada palavra de incentivo e ajuda, tenho gratidão.

Por fim, quero agradecer a todos os funcionários que fazem parte do campus UFCG-CFP, em especial Dona Neném que zela da residência feminina com muito carinho.

RESUMO

A presença de crianças no cangaço não foi possível, devido às condições que viviam os cangaceiros na caatinga, mas elas fizeram-se presentes, ainda que por um curto período. Um fenômeno que se tornou possível com a inserção das mulheres no bando de Lampião a partir do ano de 1930. O presente trabalho tem como objetivo compreender o abandono de crianças, e, conseqüentemente, o destino dos filhos e filhas dos cangaceiros na fase adulta. A pesquisa foi realizada através da perspectiva teórica da História Cultural, sendo assim, norteadas pelas questões levantadas por historiadores e historiadoras como Peter Burke (2012), utilizando referências bibliográficas de Adriana Negreiros (2018), Nadja Claudino (2020), Wagner Gutierrez Barreira (2018) e Maria Luiza Marcílio (2016), mas as fontes principais foram as entrevistas realizadas pelos canais do youtube com os descendentes dos cangaceiros e cangaceiras; cujo objetivo é tentar compreender a infância dessas crianças que foram abandonadas.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Abandono, Cangaço.

ABSTRACT

The presence of children in the cangaço was not possible, because of conditions in which the cangaceiros lived in caatinga, but they were present, even if for a short period. A phenomenon that was made possible by the insertion of women in Lampião's gang starting in 1930. The present work aims to understand the abandonment of children and, consequently, the fate of the sons and daughters of the cangaceiros as adults. The research was conducted through the theoretical perspective of Cultural History, thus, guided by the questions raised by historians and historians such as Peter Burke (2012), utilizing bibliographic references by Adriana Negreiros (2018), Nadja Claudino (2020), Wagner Gutierrez Barreira (2018) and Maria Luiza Marcílio (2016), but the main sources were the interviews conducted through YouTube channels with descendants of the "cangaceiros" and "cangaceiras"; whose objective is to try to understand the *Childhood* of these children who were abandoned.

Keywords: Childhood, Abandonment, Cangaço.

SUMÁRIO DE IMAGENS

Imagem 1: Recorte da Revista A Noite Ilustrada, 1938.	54
Imagem 2: Recorte da Revista A Noite Ilustrada 1938 (continuação da imagem 1).	54
Imagem 3: Revista A Noite Ilustrada, 1938.	56
Imagem 4: Revista A Noite Ilustrada, 1938.	57
Imagem 5: Benjamin Abrahão.....	58
Imagem 6: Benjamin Abrahão.....	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CAPÍTULO: UMA BREVE HISTÓRIA DA INFÂNCIA: POSSIBILIDADES DE LEITURAS NO OCIDENTE. (SOBRE O OLHAR DE ARIÈS).....	14
1.1 UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA NO BRASIL	19
1.2. CONCEPÇÃO DO ABANDONO	23
2. CAPÍTULO: SINA/FADO DOS QUE NASCERAM NO CANGAÇO	29
2.1. AS MULHERES DO NORDESTE NOS ANOS DE 1930: SEU LUGAR NA SOCIEDADE.....	33
2.2. O LUGAR DA MULHER NO CANGAÇO: ENTRE “O AMOR, A SIMPATIA E O TEMOR”	36
3. CAPÍTULO: UMA INFÂNCIA LONGE DO CANGAÇO: MEMÓRIAS DOS SOBREVIVENTES.	44
3.1. CANGACEIRAS: “MATERNIDADE NEGADA”	47
3.2. UMA HISTÓRIA DE ABANDONO: NO CANGAÇO NÃO TEM LUGAR PARA CRIANÇA	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64
ANEXOS	69

INTRODUÇÃO

O cangaço ainda é tema que possui grande destaque no campo historiográfico, causando curiosidade e interesse das pessoas, que buscam saber sempre mais acerca da vida que estes homens e mulheres do Nordeste viveram. Mas, quando nos referimos a respeito dos filhos e filhas que estes geraram enquanto cangaceiros e após o fim do cangaço, são poucas as informações. Como sabemos, após a morte do Rei do Cangaço, Lampião, aqueles que sobreviveram ganharam anistia do governo, ou seja, tiveram seus crimes perdoados e construíram uma nova história longe da caatinga. E isso permitiu que seus filhos e filhas crescessem em segurança, e os que sobreviveram puderam ter seus descendentes e criá-los.

Após pesquisar diversos assuntos que pudessem ser trabalhados em meu projeto de pesquisa, me deparei com uma imagem que me chamou muito atenção. Um recorte de uma revista com imagens e uma reportagem da revista “A Noite Ilustrada” do ano de 1938, no qual trazia como título “uma página de emoção à margem do cangaço”, e me fez despertar para o presente tema, pois sempre tive curiosidade e gosto por esses temas: mulheres, cangaço, crianças, mesmo não me aprofundando no assunto, sempre parava para ler qualquer coisa que abordasse as temáticas citadas.

As imagens e descrições presentes neste recorte tratam justamente de crianças, filhas e filhos de homens e mulheres do cangaço. Por tratar-se desse tema, já chamou toda minha atenção! Apesar do cangaço ser um tema bastante conhecido, percebe-se que nada sabia sobre seus filhos e filhas, apenas que Maria e Lampião tiveram uma filha e a deram para outra família criar. Ao pesquisar a respeito, percebi que algumas dessas crianças tornaram-se adultas e falavam de seus pais biológicos enquanto cangaceiros. E foi por intermédio desse periódico – “A Noite Ilustrada” -, que surgiu a curiosidade de saber sobre os filhos e as filhas dos cangaceiros e cangaceiras. E alguns questionamentos surgiram: Esses filhos e filhas de cangaceiros e cangaceiras estão vivos e vivas? Qual a reação das pessoas ao saberem sobre os seus pais biológicos? Existiam mágoas pelo abandono?

Portanto, este é um trabalho sobre a infância abandonada, na perspectiva da História Cultural, que possibilitou discutir a respeito da infância e do abandono. Trabalhando esse universo infantil, sentimos a necessidade, também, de enxergar as mulheres. Entretanto, vale ressaltar que não pretendemos desenvolver um trabalho fundamentado, exclusivamente, na relação história e gênero, porém para citar as crianças, torna-se fundamental inserir na narrativa

as mulheres, que gestaram e pariram essas crianças. Esses temas foram norteados, através das obras do Philippe Ariés (1986), Peter Burke (2012), Mary Dell Priore (2010), Miridan Knox Falci (2004), Adriana Negreiros (2018), Nadja Claudino (2020), Wagner Gutierrez Barreira (2018), Maria Luiza Marcílio (2016), Jacques Le Goff (1990), Renato Pinto Venâncio (2004), e entrevistas disponíveis na internet.

Com base nisso, o presente trabalho tem como objetivo compreender as representações do lugar de infância e do abandono no cangaço, atentando para as motivações que levaram as mulheres a entregarem seus filhos para outras famílias e quais os impactos dessa decisão na vida dessas crianças na infância. Portanto, discutiremos o conceito de infância e abandono, visto que, com relação às mulheres no cangaço há infinidade de trabalhos a respeito, mas sem desmerecer esses trabalhos, pretendemos, nesta monografia, dar voz a outras personagens que estão silenciadas na historiografia, que são as crianças do cangaço.

A revista “A Noite Ilustrada”, que se mostrava a princípio uma grande fonte, por questões de inviabilidade de pesquisa foi descartada, visto que este material está disponível na Biblioteca Nacional, porém, nenhuma das edições encontradas e catalogadas encontra-se em formato digital. Assim, utilizaremos as representações construídas na memória dos filhos e filhas dos cangaceiros e cangaceiras, por intermédio das entrevistas disponíveis nos canais do youtube: Cangaçologia, Aderbal Nogueira, Augustoqm5, O cangaço na Literatura e Canal CEEC - Centro de Estudos Euclides da Cunha.

A história cultural, permite problematizar e transpor a afirmação da história positivista que afirmava que só era possível narrar os episódios da história a partir da leitura, apenas, de documentos escritos. Com a Escola dos Annales uma nova proposta surgiu, pela qual a história pode ser feita com documentos escritos e não escritos e a diversidade de fontes surgiu como possibilidade para novas metodologias e novos objetos para a História. Por este viés, esta monografia utilizou os canais do youtube, pois fornecem um testemunho do passado humano que trouxe à luz a vida daqueles e daquelas que tiveram seus caminhos marcados pelo cangaço.

Sendo assim, é necessário analisar as características de cada canal. O canal Cangaçologia¹ criado em 2012, contém inúmeros vídeos a respeito do cangaço. Alguns dos vídeos foram produzidos pelo criador do canal, Geraldo Antônio de Souza Júnior, outros são entrevista de canais de televisão, porém todos com o intuito, conforme o próprio canal, de resgatar e preservar as histórias dos personagens que fizeram parte direta ou indiretamente da

¹ Canal disponível em: <https://www.youtube.com/c/Canga%C3%A7ologia/featured>

história do cangaço no Nordeste brasileiro. Importante registrar que o trabalho não tem a preocupação em problematizar as falas dos entrevistados, se mostrando imparcial tendo o único intuito de divulgar as histórias que lhes são contadas, este canal conta com mais de trezentos mil inscritos. Este se fez uma fonte imprescindível, pois traz uma série de vídeos, intitulados “filhos de cangaceiros”, mesmo que de forma breve aborda a infância desses filhos e filhas de cangaceiros.

O canal de Aderbal Nogueira² foi criado no ano de 2009, e de acordo com o canal, a proposta é mostrar o cangaço de forma lúcida e imparcial, a partir de Inúmeros depoimentos de coiteiros, cangaceiros e volantes, além de pesquisadores e muitos debates sobre o tema. Além de dispor de vídeos de trilhas, aventuras e assuntos diversos. Nesta pesquisa foi utilizado o documentário intitulado Sila, discutido pelo professor da Universidade Federal do Ceará, Daniel Lins, com direção e edição de Aderbal Nogueira, este tem mais de cem mil inscritos. O canal de Augustoqm5³ foi criado no ano de 2007, esse não possui descrição, um canal amador que divulga assuntos diversificados, mas em meio a esses vídeos, encontrasse uma entrevista com a filha de Lampião e sua neta, não é informada o nome do canal, como também o nome dos entrevistadores, este possui mais de cinquenta mil inscritos.

O canal, O cangaço na Literatura⁴, foi criado no ano de 2016, tem como proposta tirar dúvidas em meio a tantas falas e verdades a respeito do cangaço, porém não apresenta análises, apenas entrevistas com as falas dos entrevistados. Os vídeos deste canal estão voltados para a história de personagens do Nordeste brasileiro. Para o presente trabalho foram utilizadas três entrevistas deste canal, disponibilizadas na série intitulada “Filho de Corisco e Dadá”, uma entrevista realizada pelo próprio autor do canal, Robério Santos, que publicou o livro “A MARCA”, referência no estudo sobre o cangaço. Este canal possui mais de duzentos mil inscritos.

E por último, mas não menos importante, o Canal CEEC - Centro de Estudos Euclides da Cunha⁵, foi criado no ano de 2016 e tem como propósito, segundo o próprio canal, disponibilizar material para estudos e pesquisas sobre os movimentos socioculturais do semiárido baiano. Entre os diversos vídeos disponíveis foram centro. Entre os diversos vídeos

² Canal disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCG8-uR9AwwjAzQddbT3t3fg>

³ Canal disponível em: <https://www.youtube.com/user/augustoqm5/featured>

⁴ Canal disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCCW4a4XvhekadUvjGbgYYbw>

⁵ Canal disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCw6tmcOPnRF_8oX_GNC2Gsw

disponíveis foram utilizados “Feminino Cangaço documentário”, este diferentemente dos outros tem uma produção com respaldo científico. Este com mais de vinte mil inscritos.

E por meio destas fontes e das leituras de referência, dividimos este trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo, propomos uma breve reflexão acerca da infância no Ocidente. Para isso, utilizamos a obra do historiador francês Philippe Ariés (1986), intitulada “A história Social da criança e da família”, pela qual tornou-se o pioneiro nesta discussão. Até por volta do século XII na Idade Média a vida em sociedade era de forma homogênea, ou seja, não havia distinção entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças. A criança durante o período da Idade Média não possuía importância para a sociedade. O que existia era apenas um curto período de “paparicação”, que seguia do nascimento até por volta dos três anos de idade, em seguida seriam inseridos na sociedade, não havia lugar para seres tão frágeis. Somente no século XVII, que esse “sentimento pela infância” começou a ganhar novos olhares, em consequência das transformações que ocorreram na sociedade durante a transição do mundo medieval para o mundo moderno. Será considerado, também, o conceito de infância no Brasil, um tema bastante complexo, visto que a sociedade, por muitos séculos, não possuía interesse por suas crianças, dificultando assim, encontrar informações a seu respeito. A falta de registros sobre as crianças no período colonial, por exemplo, evidencia a carência nos cuidados com a criança, ressaltando que se trata de um sujeito histórico pouco investigado na historiografia.

Dentro deste universo é importante enfatizar o conceito de abandono, situação em que as crianças foram submetidas. Desse modo, discutiremos o porquê dessa prática no cangaço, mas não exclusivamente nele, visto que o abandono de crianças fez-se presente em diferentes tempos históricos, com circunstâncias, motivações e as atitudes muito específicas e que, para efeito comparativo, vale uma breve digressão histórica. Porém, como veremos, entre as cangaceiras as razões eram diversas, era uma questão de sobrevivência tanto para seus filhos como para o próprio bando. Uma decisão difícil...

No segundo capítulo, abordaremos um pouco da história das mulheres no Nordeste brasileiro, para compreendermos as razões pelas quais algumas dessas sertanejas escolhiam a vida no cangaço, considerando o contexto sociocultural dos anos de 1930, onde as mulheres viviam em uma sociedade em que possuíam poucos direitos, tanto na vida pessoal como na vida pública, e sofriam diversos tipos de preconceitos. Discutiremos o papel que as mulheres sertanejas desempenharam no cangaço, lutando para sobreviver na caatinga, como também, o

seu papel antes de entrar para o cangaço. Logo, o cangaço abriria espaço para mais integrantes, os bebês, que eram tidos ali, no meio do mato, porém sua passagem junto ao bando seria breve. Diante disso, trataremos das dificuldades enfrentadas pelas mulheres do cangaço, que quando gestantes, enfrentavam áridos desafios para dar à luz e encontrar um lugar seguro para que seus filhos pudessem ficar. Para isso, utilizamos obras que nortearam essa discussão: Mary Dell Priore (2004), Miridan Knox Falci (2004) e depoimentos de cangaceiras que sobreviveram e com a posteridade resolveram contar suas experiências no cangaço, esses depoimentos estão disponíveis na plataforma do youtube.

No terceiro capítulo, analisaremos algumas falas dos filhos e filhas de cangaceiros, que já adultos narram as histórias que lhes foram contadas acerca de seus pais biológicos e as representações construídas a respeito de sua infância enquanto filhos e filhas de cangaceiros. Utilizando de obras norteadoras como a de Adriana Negreiros (2018), Nadja Claudino (2020), Wagner Gutierrez Barreira (2018), e entrevistas disponíveis nos canais: Cangaçologia, Aderbal Nogueira, Augustoqm5, o cangaço na Literatura e Canal CEEC - Centro de Estudos Euclides da Cunha, os temas abordados em cada canal são diferentes. Neste sentido, filtramos as informações que ajudassem a compreender a infância dessas crianças, e assim focamos nas falas sobre quais foram seus pais adotivos, se existiu mágoas de seus pais biológicos, se na infância sabiam que eram filhos de cangaceiros. Apresentaremos bilhetes que foram entregues juntamente com essas crianças no momento do abandono. Assim, tentaremos analisar as representações que essas personagens criaram durante sua infância através de suas falas.

1. CAPÍTULO: UMA BREVE HISTÓRIA DA INFÂNCIA: POSSIBILIDADES DE LEITURAS NO OCIDENTE. (SOBRE O OLHAR DE ARIÈS)

Os estudos referentes à criança, só se tornaram possíveis por intermédio dos estudos de historiadores que buscaram no campo da história representar essas personagens que ficaram às margens das sociedades e não possuíam nenhum valor para que ocupasse o seu lugar como sujeito histórico.

Atualmente, o campo da história da infância encontra-se em expansão, a partir dos contatos com diversas outras disciplinas (especialmente a Psicologia e a Sociologia...) e da incorporação de novos temas de estudo pelos historiadores, como a relação entre infância e criminalidade, saúde e mortalidade infantil e o deslocamento de ênfase das análises de crianças das elites para aquelas das camadas menos favorecidas social e economicamente. (BRAGA, 2015, p. 16)

Dessa forma, novos temas, como as crianças, o abandono, as mulheres, trabalhadores, escravos, puderam se destacar na historiografia e dar lugar a esses sujeitos que estiveram por muito tempo silenciados. A história cultural possibilita trabalhar com as representações sociais e culturais da sociedade. Roger Chartier apresenta diversas possibilidades quando se trata da história cultural, entre elas a das representações.

Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante ‘pela pintura de um objeto’, ‘pelas palavras e gestos’, ‘por algumas figuras, por marcas’ – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também ‘manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade’ (COELHO apud CHARTIER, 2002, p. 165).

Levariam alguns séculos para que esse sentimento pela criança e essa concepção da infância ganhassem seu lugar, conforme nos aponta Caldeira (2004), apenas em épocas recentes foi que a criança tornou-se digna de um estudo por si só, quando começou a surgir um sentimento de que elas são especiais e diferentes. E alguns estudos nos ajudam a compreender melhor esse processo da criança e infância.

O que conhecemos por infância tornou-se comum de tal maneira, que não paramos para pensar, quando realmente as crianças passaram a ter qualquer tipo de importância para a sociedade, visto que, nem sempre existiu interesse nesses seres tão pequenos; no período da Idade Média, por exemplo, não havia espaço para as crianças. Linhares (2016), discorre que o conceito de infância iniciou mais precisamente na década de 1970, com a publicação da obra do historiador francês Philippe Ariès (1986), intitulada “A história Social da criança e da família”, pela qual tornou-se o pioneiro nesta discussão. Foi a partir dessa publicação que o

tema começou a ganhar destaque por historiadores americanos e europeus, até então não se tinha construído uma representação da infância.

O sentimento de infância passou por diversas transformações ao longo dos séculos, como é abordado na obra de Ariès (1986). A razão pela qual isso acontecia, era a falta de interesse que a sociedade tinha pela criança, sendo assim, essa concepção de infância não fazia sentido naquela época, final do século XI e início do século XVII. No período da Idade Média a vida era vista de forma homogênea, logo, não existia diferença entre adultos e crianças na sociedade. O historiador Ariès (1986), argumenta em seus estudos, que esse “sentimento pela infância”, ocorre somente no século XVII, juntamente com as transformações na sociedade para um mundo moderno, e alega que, “A criança, por muito tempo, não foi vista como um ser em desenvolvimento, com características e necessidades próprias, e sim, homens de tamanho reduzido” (ARIÈS, 1981 p.18).

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (ARIÈS, 1986, p.50)

Para a população não existia um mundo separado por conta de sua faixa etária, a distinção nesse quesito era ausente. Em consonância a isso, Pereira (2011), discorrer o seguinte:

“no mundo medieval não havia nenhuma ideia de desenvolvimento infantil, nenhuma concepção de pré-requisitos de aprendizagem seqüencial, assim como, nenhuma concepção de escolarização como uma forma de preparação para o mundo adulto. A criança da Idade Média era invisível porque vivia na mesma esfera social dos adultos, pois, tinha acesso à quase todos os comportamentos comuns à cultura” (PEREIRA, 2011, p. 148-149).

O historiador Francês Philippe Ariès (1986), em sua obra, começa a trabalhar o conceito de criança e infância por meio de análises iconográficas, diários de famílias, cartas, registros de batismo, como também, por registros fúnebres, e somente no século XVII, irão surgir às representações da criança e o sentimento de infância, que até então desconheciam.

Por volta do século XIII, “surgiram alguns tipos de crianças um pouco mais próximas do sentimento moderno” (ARIÈS, 1986, p. 52). O primeiro, eram os jovens, representado por anjos, esses que tinham a idade mais ou menos grande; o segundo tipo de criança era o menino Jesus ou Nossa Senhora menina, esse se tornaria um modelo de todas as crianças pequenas da história da arte; e um terceiro tipo, surgiu na fase gótica, em que a criança era representada nua. (ARIÈS, 1986, p. 53). Apesar de serem representados, ainda assim eram vistos como adultos em miniatura.

Durante o século XIV e sobretudo durante o século XV, esses tipos medievais evoluiriam, mas no sentido já indicado no século XIII. Dissemos que o anjo-adolescente animaria ainda a pintura religiosa do século XV, sem grande alteração. Por outro lado, o tema da infância sagrada, a partir do século XIV, não deixaria mais de se ampliar e de se diversificar: sua fortuna e sua fecundidade são um testemunho do progresso na consciência coletiva desse sentimento da infância, que apenas um observador atento poderia isolar no século XII, e que não existia de todo no século XI. No grupo formado por Jesus e sua mãe, o artista sublinharia os aspectos graciosos, ternos e ingênuos da primeira infância; a criança procurando o seio da mãe ou preparando-se para beijá-la ou acariciá-la; a criança brincando com os brinquedos tradicionais da infância, com um pássaro amarrado ou uma fruta; a criança comendo seu mingau; a criança sendo enrolada em seus cueiros. (ARIÈS, 1986, p.54).

Essa personificação religiosa se tornou algo comum, e abriu espaço para que novas representações a respeito da criança fossem sendo construídos. No século XV e XVI, é que irá aparecer uma iconografia leiga sobre a infância, ou seja, crianças que não estavam relacionadas à religião, e passam a ser mais representadas do que nos séculos anteriores, no entanto, ainda não eram representadas sozinhas. Por meio de pinturas anedóticas⁶, a criança ganha seu espaço nas representações, através da sua família; seus companheiros de jogos; a crianças na multidão, no colo da mãe, são alguns dos exemplos em que a criança estava presente (ARIÈS, 1986, p. 55). Apesar da criança estar sendo representada, Ariès (1986), ressalta que ainda não era uma descrição exclusiva da infância. Portanto, notamos que no século XIII, temos sim, algumas representações da criança na Idade Média, porém, não como um modelo da criança no momento real de sua vida.

O aparecimento de retratos de crianças mortas marcaria uma nova fase de sua representação. A criança começou a ser representada em efígies funerárias, por volta do século XVI, mas não sozinha; sua primeira aparição nessas efígies é acompanhada de seus pais. Somente no século XVII, é que a criança começa a ter retratos isolados da família, sendo uma grande novidade deste século. Com o grande número de retratos, construiu-se o hábito de conservar “através da arte do pintor o aspecto fugaz da infância” (ARIÈS, 1986, p.60). Percebemos que a criança se separou da família, assim como a família se separou da parte religiosa, séculos anteriores. E o sentimento pela criança começa a mudar.

Cada família agora queria possuir retratos de seus filhos, mesmo na idade em que eles ainda eram crianças. Esse costume nasceu no século XVII e nunca mais desapareceu. No século XIX, a fotografia substituiu a pintura: o sentimento não mudou (ARIÈS, 1986, p. 61).

⁶ Adjetivo que pertence à anedota, que contém anedotas: narrativa anedótica. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/anedotico/>. Acessado em: 16/01/2022.

Anedota: “Pormenor curioso e pouco divulgado que ocorre, em segundo plano, sobre uma certa personagem ou evento histórico; caso.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/anedota/>. Acessado em: 16/01/2022

Esse acontecimento foi significativo, pois a morte da criança era tratada de uma forma diferenciada, em que era comum, entre as famílias que perdiam seus filhos ainda recém-nascidos ou pequenos, não ficarem desoladas, haviam de aceitar, substituindo a criança morta por outra, sendo um sentimento aceito quase com naturalidade. Ariès (1986), analisando o fator demográfico da época, afirma que a taxa de mortalidade infantil na sociedade medieval era alta, e isso explicaria essa falta de sentimento por recém-nascidos e crianças, tornando sua passagem muito rápida, portanto, não era atribuído valor para que fossem lembradas e valorizadas.

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “pobre animal suspirante”, que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade. (CALDEIRA apud HEYWOOD, 2004, p.87)

O mundo durante a Idade Média parecia não ter espaço para um ser tão frágil. Mas, havia um tipo de sentimento de infância para o homem medieval, o que Ariès (1986), denomina de "paparicação", que designava ao tratamento com os bebês, enquanto eram "criancinhas", uma coisinha “engraçadinha”, ou seja, como “animalzinho”. A criança não costumava passar muito tempo com os familiares, haja vista que, a aprendizagem e socialização eram realizadas através da comunidade, onde iriam realizar tarefas ou aprender um ofício, a partir do momento que não eram mais dependentes eram inseridos na sociedade, ou seja, no mundo dos adultos. Esse pensamento permanece até a criação das escolas que darão uma nova visão à criança, agora passa por uma “quarentena” para depois ser solta no mundo. As fases que classificam a trajetória da criança levariam tempo para serem determinadas.

Restaria sempre uma lacuna para designar a criança durante seus primeiros meses; essa insuficiência não seria sanada antes do século XIX, quando o francês tomou emprestada do inglês a palavra baby, que, nos séculos XVI e XVII, designava as crianças em idade escolar. Foi esta a última etapa dessa história: daí em diante, com o francês bébé, a criança bem pequenina recebeu um nome. (ARIÈS, 1986, p.45)

A escola ou colégio, na Idade Média, se tornou no começo dos tempos modernos, uma forma de isolar cada vez mais as crianças do mundo dos adultos, sem contar, que esse período permitia uma formação moral e intelectual, por meio de uma disciplina mais autoritária (ARIÈS, 1986, p 165). Começam a perceber a necessidade de ter uma preocupação com a criança, e consequentemente atribui para o sentimento de infância.

A partir do advento da tipografia e da alfabetização socializada, que criaram um novo universo simbólico, as crianças foram expulsas do mundo dos adultos fazendo-se necessário à criação de um novo mundo para elas habitarem e este mundo veio a ser chamado de infância. (PEREIRA, 2011, p. 149)

Outro fator que apresenta o descaso com a infância, até o século XIII, está relacionado aos trajes que as crianças usavam, quando a criança deixava de usar os cueiros, não havia mais distinção entre seu traje e de um adulto (ARIÈS, 1986, p.69). As vestes do menino quando criança no século XVI, não se diferenciava das meninas, pois vestiam saias, vestidos e avental. Ariès (1986), traz um exemplo de como era o traje de um menino: “François, que tem um ano e 11 meses, e o caçula, de oito meses, vestem-se ambos exatamente como sua irmã, ou seja, como duas mulherzinhas” (ARIÈS, 1986, p.70), a sociedade medieval não estava preocupada com as vestes de suas crianças.

... a Idade Média vestia indiferentemente todas as classes de idade, preocupando-se apenas em manter visíveis através da roupa os degraus da hierarquia social. Nada, no traje medieval, separava a criança do adulto. Não seria possível imaginar atitudes mais diferentes com relação à infância. (ARIÈS, 1986, p.70).

Porém, no século XVII, as crianças irão ganhar uma nova roupagem, mas especificamente a criança nobre ou burguesa, surge um traje diferente dos adultos, agora com uma vestimenta reservada para sua idade, isso é notório por conta das representações neste século. Não havia ainda uma distinção entre crianças e adultos no caso das mulheres. É relevante ressaltar que o tratamento entre meninos e meninas, durante a Idade Média, muitas vezes, eram diferenciados, e as conquistas do sexo feminino era mais lento se comparar com o do sexo masculino, até mesmo enquanto criança, pois alguns preconceitos estavam ligados as meninas. Em consonância a isso, Caldeira (2004), discorre que “as meninas costumavam ser consideradas como o produto de relações sexuais corrompidas pela enfermidade, libertinagem ou a desobediência a uma proibição” (CALDEIRA apud HEYWOOD, 2004, p.76).

Essas diferenças não eram apenas com a vestimenta, a celebração do nascimento de uma criança do sexo feminino, também mantinha essa desigualdade, a exemplo, ainda no século XIX, na Bretanha havia uma quantidade de badaladas diferentes com a chegada de crianças do sexo masculino, que era comemorada com três badaladas enquanto a do sexo feminino apenas com duas (CALDEIRA, 2004, p.2). Além da falta de interesse pela criança, ainda havia as desigualdades entre os sexos.

O interesse pelas crianças ganhou cada vez mais adeptos, e assim, permitindo que o seu lugar social mudasse ao longo dos séculos, buscando por melhorias e ambientes mais adequados. Assim como existiu esse interesse pela criança na Europa, não foi diferente em outras partes do mundo, e por meio desse estudo podemos conhecer um pouco do processo da

criança e infância no Brasil, que assim como em outras partes do mundo era desvalorizada e explorada, sem ter os devidos cuidados, em diferentes contextos.

1.1. Um olhar sobre a infância no Brasil

A História Social da Infância é uma conquista recente, e somente a partir do final do século XIX, é que a historiografia nacional e internacional percebe a criança como sujeito histórico e de direitos. No século XX, o interesse pela infância ganha força, pois, novas fontes e metodologia da pesquisa em História tornaram possível a incorporação de pesquisas científicas acerca da História da infância. (LINHARES, 2016). Os estudos sobre a infância de Philippe Ariès possibilitaram a busca, em diversos lugares do mundo, por mais informações sobre as crianças.

A história da infância no Brasil é bastante complexa, devido ao fato da sociedade por muitos séculos não ter nenhum interesse pela criança, encontrar informações sobre elas não é uma tarefa fácil, os registros sobre as crianças no período colonial, não são abundantes, considerando ainda, que se trate de uma pesquisa que ainda é recente na historiografia.

Para começar, a história sobre a criança feita no Brasil, assim como no resto do mundo vem mostrando que existe uma enorme distância entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, por organizações não governamentais ou autoridades, e aquele no qual a criança encontra-se quotidianamente imersa. (DEL PRIORE, 2012, p.233).

Del Priore (2010), afirma que são poucas as palavras que possam definir a criança no passado, essa dificuldade aumenta quando se trata dos primeiros séculos da colonização. Essa ideia de infância, na mentalidade coletiva seria um tempo sem personalidade e que passaria muito rápido. Esse sentimento de infância no Brasil poderia ser definido como “esperança”, visto que reconhecer essas crianças parecia algo muito distante nos primeiros séculos do Brasil.

É bem verdade que a infância estava sendo descoberta nesse momento do Velho Mundo, resultado da transformação nas relações, entre indivíduos e grupos, o que ensejaria o nascimento de novas formas de efetividade e a própria “afirmação do sentimento da infância”, na qual a Igreja e o Estado tiveram um papel fundamental. (CHAMBOULEYRON apud DEL PRIORE, 2010, p. 58)

Os cuidados que se tinham com um recém-nascido no Brasil Colonial era muito diferente do que estamos habituados, chega a ser espantosa a forma como estes eram tratados. Sem contar que esses cuidados eram diversificados, pois se trata de um povo que pertencia a diversas etnias, com costumes e culturas que eram diferentes. Alguns bebês, por exemplo, eram banhados em líquidos espirituais, com vinho ou cachaça, limpados com manteiga e em seguida

enrolados bem forte. As indígenas possuíam o hábito mais simples, essas apenas se banhavam no rio com suas crianças. As africanas, por sua vez, costumavam esmagar o nariz de seus pequenos, isso apenas por questões estéticas. Esses costumes começaram a mudar com o avanço da medicina, em que os médicos ensinavam as mães a terem outros tipos de cuidados com seus recém-nascidos. (DEL PRIORE, 2004).

A criança passou por diversas etapas na história do Brasil. A primeira delas ocorreu durante o Brasil colônia no século XVI, quando embarcações traziam homens e mulheres, estes um número muito pequeno, e entre essa tripulação estavam as crianças (RAMOS, 2010). No entanto, as crianças que subiam a bordo eram vistas como “grumetes” e “pajens”, havia também aquelas que eram órfãs do Rei enviados ao Brasil para se casarem com os súditos da Coroa ou aqueles que estavam na guarda dos pais ou de parentes, e todo esse processo não seria nada fácil para seres tão frágeis:

Em qualquer condição, eram os “miúdos” quem mais sofriam com o difícil dia a dia em alto mar. A presença de mulheres era rara, e muitas vezes, proibidas a bordo, e o próprio ambiente nas naus acabava por propiciar atos de sodomia que eram tolerados até pela Inquisição. Grumetes e pajens eram obrigados a aceitar abusos sexuais de marujos rudes e violentos. Crianças, mesmo acompanhadas dos pais, eram violadas por pedófilos e as órfãs tinham que ser guardadas e vigiadas cuidadosamente a fim de manterem-se virgens, pelo menos, até chegarem à Colônia. (RAMOS, 2010, p. 19)

A viagem longa e árdua era o principal motivo de inúmeras mortes, sendo poucas as que chegavam ao Brasil Colônia, com vida. Para Melo (2020), a dura realidade, em que as crianças enfrentavam nessas embarcações, apenas mostram como esses seres eram frágeis, e necessitavam de cuidados específicos, mas acabavam recebendo o oposto, o mal tratamento e o descaso. Assim como as crianças da Idade Média vistas apenas como: “adultos em corpos infantis (MELO apud RAMOS, 2015, p. 49), suas vidas estariam entregues à própria sorte; um retrato real da ausência da percepção do adulto sobre a infância no mundo ocidental” (MELO, 2020, p.2).

Nos ano de 1960, de acordo com Venâncio⁷ (2005), já havia no Brasil investigações referentes à infância, que começam a ser registradas, mas ressalta que em alguns casos, isolados, já havia um interesse nesse tema, e toma como exemplo, a obra de Gilberto Freyre, quando

⁷Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica - RJ (1982), mestrado pela Universidade de São Paulo (1988), doutorado pela Universidade de Paris IV - Sorbonne (1993) e pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2005). Professor na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Pesquisador do CNPq. Informações coletadas do Lattes em 25/06/2020. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3761768/renato-pinto-venancio>. Acessado em 11/01/2022.

aborda a meninice senhorial e escrava, em sua obra *Casa Grande e senzala* (1936), que aborda fontes documentais que não existia, era algo muito sucinto. No final do século XX, esse tema se torna mais visível, e a criança passa a ser vista com outros olhos pelos historiadores, reforçando essa ideia, Melo (2020), afirma o seguinte:

A história da infância no Brasil é um tema cada vez mais visitado no campo historiográfico. Diversos autores têm abordado, desde as últimas décadas do século XX, a criança, não apenas como objeto de estudo, mas também como sujeito histórico, que durante o decorrer do tempo foi percebido e compreendido de diferentes formas pela sociedade. (MELO, 2020, p. 1).

Em consonância com essa ideia, Linhares (2016), explica que no Brasil esse sentimento de infância estreou, de forma reduzida, e mais especificamente, com os padres jesuíta que traziam uma proposta de ensino e catequização para os povos indígenas, dando destaque às crianças, pois estas eram mais fáceis de “atraí-las” e “convencê-las”, a autora continua e dialoga que:

A sociedade brasileira durante o Período Colonial e Imperial (1500 – 1889) tratava de maneira peculiar as crianças, a ausência de infância era cruel, pois aos cativos, apenas trato servil. Tal situação, também se repercutia aos nascidos, caso sobrevivessem, poderiam ficar aos cuidados da mãe ou ser vendido pelo senhor de escravos para trabalhar em outra fazenda ou casa. (LINHARES, 2016, p.34)

Analisando o contexto do Brasil colonial, os estudos a respeito da criança, não eram fáceis, pois não havia documentos a seu respeito. Durante o período colonial, por exemplo, as crianças não possuíam a importância necessária para os trabalhos forçados, sendo assim, não tinham valor, e, portanto, não estavam registradas nos documentos, nas primeiras décadas. Porém, elas acabavam sendo utilizadas como uma ponte ou elo para negócios, Chambouleyron (2010, p.59), afirma que os índios entregavam seus filhos para serem educados pelos jesuítas, ou seja, uma forma de firmar alianças com os padres, e facilitar o caminho para converter os gentios.

É difícil determinar ao certo qual foi a imagem a respeito dos portugueses construídas pelas várias tribos indígenas e, principalmente, dos religiosos da Companhia de Jesus, mas a construção de alianças (os índios dando seus filhos), pode ter constituído uma possibilidade frutífera de relacionamentos para alguns grupos. (CHAMBOULEYRON apud DEL PRIORE, 2010, p.59)

Pouco se falava da vida cotidiana no século XVIII, sendo assim, os interesses na necessidade das crianças, como sua infância, eram, ainda, muito menores, até mesmo filhos de pessoas da alta sociedade. Nas documentações oficiais mal se relatava sobre as mulheres, haja vista as crianças, que eram marginalizadas.

Todavia, posteriormente haveria um número razoável de crianças, principalmente se considerarmos a falta de mão de obra adulta portuguesa, no século XVIII, fazendo com que o número de crianças nessas embarcações aumentasse. Destacando que seriam aquelas órfãs e de famílias pobres que viam como uma oportunidade de aumentar a renda, as crianças tinham entre 09 ou 11 anos, em alguns casos até menor, percebemos que as crianças com uma aquisição melhor, tinham certos privilégios, no entanto, estavam sujeitas a doenças e outros infortúnios de sua época.

A expectativa de vida das crianças portuguesas entre o século XIV e XVIII, rondava aos 14 anos, enquanto “cerca da metade dos nascidos vivos morriam antes de completa setes anos”. Isto fazia com que principalmente entre os estamentos mais baixos, as crianças fossem consideradas como mais que animais, cuja força de trabalho deveria ser aproveitada ao máximo enquanto durassem suas curtas vidas. (RAMOS apud DEL PRIORE, 2010, p. 20).

A infância nos anos oitocentistas era a primeira idade da vida, ou seja, quando eram bebês e não sabiam falar, essa fase ia do nascimento aos três anos; em seguida caracterizavam a puerícia que iniciava aos três anos e se estendia mais ou menos aos 12 anos, e essas fases das crianças eram caracterizadas pelos atributos físicos, como a fala, a dentição, tamanho, aspectos feminino ou masculino; após essa etapa viria a meninice que seria o momento do desenvolvimento intelectual da criança (MAUAD, 2010, p.141). Aqui podemos perceber que não houve muita mudança do que se observava durante a Idade Média.

É neste jogo, de termos e significados, que se entrevê um conjunto de princípios e preceitos que nortearam as representações simbólicas e os cuidados em relação às crianças e aos adolescentes na sociedade oitocentista. (MAUAD apud DEL PRIORE, 2010, p.141).

Durante o Brasil Imperial, diferente do Velho Mundo, as representações em pinturas foram substituídas pela fotografia. E por meio dessas fotografias é possível perceber características das diferentes idades, tanto da infância como da adolescência. Agora era possível observar os trajes, as poses, penteados, brinquedos e outras características da criança, que eram representadas sozinhas nas fotografias, mas ressaltando que isso não era acessível a todas as classes da sociedade. (MAUAD, 2010, p. 142).

As crianças permaneceram no anonimato por muito tempo, sendo assim, a construção do conceito de infância moderna levaria alguns séculos. Linhares (2016) aponta que “No Brasil a História da infância não é muito diferente daquela escrita por europeus, ou seja, havia uma ausência em relação à infância na sociedade e nos seus escritos” (LINHARES, 2016, p.31). A história da criança foi ganhando seu espaço com o estudo da história cultural, porém muitas crianças ficaram esquecidas ao longo da história, a exemplo os filhos dos cangaceiros, estes que

tiveram que ser abandonados por seus pais, pois não podiam ficar com eles, visto que o ambiente não permitia crianças.

1.2. Concepção do abandono

O abandono é algo que está presente na história a muitos séculos. De acordo com Venâncio⁸ (2005), o abandono de crianças, sobretudo recém-nascidas, tem raízes antigas. Na Idade Média, por exemplo, era algo muito presente, principalmente após a peste negra (1348), onde o problema se agravou. A historiadora Maria Luíza Marcílio (1998), reafirma que essa ideia do abandono de bebês é um fenômeno presente em todos os tempos, ao menos no Ocidente. Segundo Marcílio (1998), o que mudaria seriam apenas as circunstâncias, as motivações, as atitudes, visto que era algo aceito e comum para as sociedades.

É importante ressaltar que esse termo “abandonado” que utilizamos, não era algo comum, pois era praticamente inutilizado no vocabulário do século XIX, e só teve suas primeiras aparições por volta de 1890, por meio de textos legais. Sendo assim, as expressões utilizadas na época para se referirem às crianças abandonadas eram: “exposto” ou “enjeitado”, isso durante a primeira infância (MELO⁹, 2020, p.2). E diante de diversos casos de abandono foram surgindo ao longo dos séculos, algumas formas de assistências, a esses menores desvalidos. No Brasil, a exemplo, podemos destacar três fases diversas no avanço da assistência à infância abandonada (MARCÍLIO, 1998).

A primeira fase, de caráter caritativo, estende-se até século XIX. A segunda fase – embora mantendo setores e aspectos caritativos – evoluiu para o caráter filantrópico, e está presente o rigor, até a década de 1960. A terceira fase, já nas últimas décadas do século XX, surge quando se instala entre nós o Estado do Bem Estar Social, ou o Estado-protetor que pretende assumir a assistência social da criança desvalida e desviante. (MARCÍLIO, 1998, p.132)

A primeira fase, a que Marcílio (1998), chama de caritativa, perdurou do período colonial até meados do século XIX. Nessa fase estava associada à roda dos expostos, que “Seria ele um meio encontrado para garantir o anonimato do expositor e assim estimulá-lo a levar para a roda o bebê que não desejava, em lugar de abandoná-lo pelos caminhos, bosques, lixo, portas de igrejas ou em portas de famílias, como era de costume, na falta de outra opção” (MARCÍLIO apud FREITAS, 2016 p.51-52). Era definido assim por estar ligado aos sentimentos da

⁸Revista de História da Biblioteca Nacional. Dossiê: Mensagens do abandono, 2005

⁹ Licenciada em História (UNIRIO); pós-graduanda em metodologia de Ensino de História (Faculdade de Educação São Luís);

fraternidade e por não ter nenhuma pretensão a mudanças sociais. Por ser uma assistência missionária, sua maior preocupação com a criança, a princípio, estava relacionada ao seu batismo, para que sua alma pudesse ser salva. Em casos raros, o expositor informava se a criança era batizada, quando havia uma desconfiança optava por realizar o batizado. Esse método era utilizado há séculos por outros países, a exemplo na Europa medieval, onde surgiu esse sistema de roda.

O nome de roda provém do dispositivo onde se colocavam os bebês que se queriam abandonar. Sua forma cilíndrica, dividido ao meio por uma divisória, era fixada no muro ou janela das instituições. A seguir, ele girava a roda e a criança já estava do outro lado do muro. Puxava-se uma cordinha com uma sineta para avisar a vigilante ou rodeira que um bebê acabou de ser abandonado e o expositor furtivamente retirava-se do local sem ser identificado. (MARCÍLIO apud FREITAS, 2016, p. 55)

No século XVI, no Brasil, havia as Câmaras Municipais, que também eram uma forma caritativa, a qual acolhia as crianças que não conseguiam encontrar uma família, essas crianças eram levadas e tentavam encontrar uma caridade. Por serem formalmente legais, essas câmaras tinham ajuda do Estado, pois auxiliavam as famílias que seriam responsáveis por essas crianças, em alguns casos até quando não tinham rendimento suficiente para arcar com o menor desvalido, a lei autorizava o aumento de impostos para a arrecadação. A caridade informal foi a mais abrangente, onde famílias ou indivíduos iam às portas de hospitais, conventos e domicílios em busca de crianças abandonadas para criarem.

Portanto, essa assistência caritativa tem raízes antigas, sendo utilizada não só para ajudar o próximo, mas por abastados para sua salvação, sem se preocupar com mudanças sociais, apenas em benefício próprio (MERGÁR¹⁰, 2019). Essa raiz da caridade em benefício próprio vem de muitos séculos, desde a Idade Média, o historiador Geremek (1995), analisando literaturas Europeias entre os anos de 1400 a 1700, sobre a mendicância, aponta que durante a Idade Média existia uma auréola de perfeição sobre a pobreza voluntária, e que podia se estender à pobreza por necessidade. Isso acontecia, pelo fato que a pobreza por muito tempo foi necessária para a sociedade da idade Média, na qual tinham uma funcionalidade:

Na civilização cristã que floresce na Europa, uma categoria específica de pobres emerge como minoria: aquela necessária à prática da caridade. Os pobres adquirem, na ótica cristã do período, um caráter de funcionalidade: sempre devem existir pobres, para que os “não-pobres” possam assisti-los, qualificando-se como bons cristãos. (FILHO, 2009, p.03).

¹⁰ Advogada, especialista em Direito das Famílias e mestrandia do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. (<http://lattes.cnpq.br/02900017459598451>).

A pobreza era vista em seu primeiro momento com bons olhos, Alves¹¹ afirma que “Desde a Idade Média, dar esmolas e amparar os indigentes fazia parte de um conjunto de práticas cristãs associadas à bem aventurança e à redenção dos pecados”. (ALVES, 2015, p.52). De forma individual, ajudavam esses miseráveis, pois havia uma ligação simbólica para a sociedade, em que existia a purgação das iniquidades, e de acordo com Alves isso podia significar a salvação da alma por meio da boa obra. (ALVES, 2015). As representações vão sendo atribuídas ao longo dos séculos, podendo se transformar, a exemplo o que aconteceu com os mendigos na Idade Média, onde Barros afirma o seguinte:

...beneficiara-se de uma representação que o redefinia “instrumento necessário para a salvação do rico”, era agora penalizado por se mostrar aos poderes dominantes como uma ameaça contra o sistema de trabalho assalariado do Capitalismo, que não podia desprezar braços humanos de custo barato para pôr em movimento suas máquinas e teares, nem permitir que se difundissem exemplos e modelos inspiradores de vadiagem. (BARROS, 2005, p. 133)

Esses cuidados caritativos foi um dos primeiros passos para os cuidados com a criança e aquilo que conhecemos por infância, e no Brasil teve seu início no período da colonização, onde os jesuítas cuidavam de indígenas que ficavam órfãs devido às batalhas e doenças, na qual não possuíam nenhum tipo de imunidade, e caridade também acontecia com famílias e vizinhos que adotavam essas crianças. Ressaltando que esses familiares e vizinhos não tinham o propósito de melhorias sociais para as crianças, era apenas um ato de caridade, e que não se pensavam nas necessidades em longo prazo.

A criança abandonada era vista como frágil, sendo deixada injustamente, onde não existia uma assistência adequada do Estado, portanto, a própria população ou associações se responsabilizavam por essas crianças abandonadas (MERGÁR, 2019). O processo de cuidados com a criança no Brasil foi uma caminhada longa, e o surgimento desses locais, como instituições, a exemplo as Câmaras Municipais e As Santas Casas de Misericórdia eram os primeiros passos, para o que conhecemos hoje¹², porém não assistiam as crianças como deveria, isso mostra o descaso que se tinha com esses pequenos, principalmente na primeira infância.

¹¹Ismael Gonçalves Alves é historiador e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS) da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). *Da caridade ao welfarestate: um breve ensaio sobre os aspectos históricos dos sistemas de proteção social ocidentais*. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252015000100017
Acessado em: 10/01/2022

¹²Segundo a advogada Stella Scantamburlo de Mergár: “O abandono de incapaz e o de recém-nascido, hoje, são crimes previstos nos artigos 133 e 134 do Código Penal (Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940) que, diferentemente do ato de entregar voluntariamente um bebê ou uma criança para adoção, envolvem, com a conduta de abandonar, a exposição do incapaz a riscos contra os quais ele não pode se defender”.

... Só que antes da roda os meninos abandonados supostamente deveriam ser assistidos pelas câmaras municipais. Raramente as municipalidades assumiram a responsabilidade por seus pequenos abandonados. Alegavam quase todas falta de recursos. Havia de fato descaso, omissão, pouca disposição para com esse serviço que dava muito trabalho. A maioria dos bebês que iam sendo largados por todo lado acabavam por receber a compaixão de familiares que os encontravam. (MARCÍLIO apud FREITAS, 2016, p. 52)

A assistência filantrópica ocorreu entre o século XIX e meados do XX, estavam voltados para o desenvolvimento das crianças, em que possuíam uma visão diferente em relação a esses seres, agora com uma ajuda maior e constante, seguido de seu bem-estar; já não era somente em benefício próprio, apesar de ainda está fortemente ligada à fase caritativa. Seu objetivo era “preparar essas crianças pobres e abandonadas para o mundo do trabalho” (MARCÍLIO, 1998, p.208).

O abandono era uma prática comum e aceitável entre as sociedades, isso se devia à alta taxa de mortalidade infantil, portanto, havia certa aceitação, até o século XIX. No Brasil colônia, de acordo com Mergár (2019), não existiam instituições que se responsabilizavam por esses “enjeitados”, sendo a única responsável pela assistência, a roda dos expostos, por mais de 150 anos. Esses sistemas foram criados para tentar sanar os infanticídios que aconteciam, em muitos casos, devido à falta de opções de apoio. Até meados do século XVII, no período colonial, as cidades eram semi-rural, ou seja, o número de habitantes era reduzido e não se tinha industrialização, o abandono de crianças não acontecia com muita frequência e os raros casos de adoção transformavam as crianças abandonadas em “filhos de criação” ou agregados, por vizinhos ou familiares. Porém, com o ritmo mais acelerado das cidades, ocorria um desequilíbrio onde não havia espaço para as crianças que dependiam dos pais que não tinham condições de sustentá-los.

Diante desse cenário surge o que Venâncio (2004), chama de modalidade “selvagem” do abandono, em que “... Meninas e meninos com dias ou meses de vida não encontravam abrigo; eram deixados em calçadas, praias e terrenos baldios, conhecendo por berço os monturos, as lixeiras, e tendo por companhia cães, porcos e ratos que perambulavam pelas ruas.” (VENÂNCIO, 2004, p.159). Apesar de ser visto como uma forma cruel de abandono, essa modalidade acabava prevalecendo em lugares em que não existia nenhum tipo de auxílio. Alguns relatos apresentam as condições em que se encontravam essas crianças, de forma lamentável, muitas vezes, semimortas ou mortas. Mas, não podemos tomar isso como unanimidade, há registros que apresentam casos em que pessoas procuravam deixar seus filhos

em locais que fossem mais seguros (MERGÁR, 2019). Contudo, a forma de abandono foi variável ao longo do tempo:

Na verdade, a origem dos enjeitados variava de caso a caso, como também a forma de se abandonar crianças guardava especificidades próprias. Na maioria das vezes, evitava-se deixar o bebê em calçadas e ruas. Mães, familiares ou simples intermediários portadores de expostos procuravam protegê-los dos perigos das ruas, da chuva e do frio da noite; evitavam, por assim dizer, o abandono selvagem. Muitos depositavam a criança na soleira da porta, fazendo barulho para chamar atenção dos moradores e fugindo em seguida para os arrabaldes, onde se escondiam até terem certeza de que a criança fora bem acolhida. Outro método consistia em fazer das parteiras cúmplices, encarregando-as de levar o bebê a uma família interessada em recebê-lo. (VENÂNCIO, 2004, p. 162)

Mas, porque essas crianças foram abandonadas? Porque se teve um grande índice de abandono em alguns séculos? O historiador Venâncio (2004), aborda algumas questões que podem explicar os motivos pelos quais essas crianças eram abandonadas, um desses motivos estava associado à dupla moral comum da família patriarcal brasileira, que não permitia que uma moça branca tivesse um filho fora do casamento; outro motivo era para esconder filhos ilegítimos, bastardos que foram consumados fora do casamento. Outro muito presente foi a extrema pobreza, com o fluxo de mães nas grandes cidades era muito difícil trabalhar e sustentar uma criança. Quando as crianças ficavam órfãs de pais, assim como aquelas que tinham gêmeos, acabaram entregando um de seus filhos, pois a pobreza não permitia.

A institucionalização do abandono foi a saída encontrada no sentido de compatibilizar a prática com os ideais morais católicos. Surgia, assim, no mundo católico, a Roda ou Casas dos Expostos cujos objetivos principais eram garantir o batismo das crianças abandonadas e preservar o anonimato do expositor evitando que deixassem os recém-nascidos em locais que os levassem à morte ou até mesmo praticassem o infanticídio. (COSATI, 2018, p. 3)

Esses são apenas alguns dos motivos pelo qual uma mãe abandonava seu filho, assim foi o caso das cangaceiras, que em circunstâncias diferentes das que foram colocadas acima, tiveram que abandonar e entregar seus filhos e serem criados longe do cangaço, a qual será discutida nos próximos capítulos. Esses personagens, expostos e mendigos, ficaram à margem da sociedade vista apenas como algo ruim para a população. São grupos que se formaram para sobreviver em uma sociedade que passaram a rejeitá-los, assim como os cangaceiros que buscavam por uma vida melhor e formaram bandos.

A história da infância abriu um leque de possibilidades de estudos, entre elas, a história do abandono dessas criaturas, que por muito tempo, não foram vistos como sujeitos históricos, e saber um pouco sobre a questão da infância foi um caminho importante para se chegar ao abandono das crianças cujos pais participaram do movimento do cangaço brasileiro. Portanto,

abordar o tema da entrada das mulheres no cangaço é de grande relevância para compreendermos os motivos dessa infância abandonada.

2. CAPÍTULO: SINA/FADO DOS QUE NASCERAM NO CANGAÇO.

Antes de adentrarmos na infância abandonada dos filhos dos cangaceiros, precisamos abordar algumas questões importantes sobre as personagens que possibilitaram a presença de recém-nascidos no cangaço: as mulheres. Estas foram cruciais para compreendermos esse novo universo, no qual a criança foi inserida, apesar do curto período em que permaneceram no cangaço. Essas crianças carregaram consigo desde o ventre da sua mãe, a sina de serem filhas e filhas dos cangaceiros mais temidos do Nordeste brasileiro, pois foram privadas de viver com seus pais e parentes, devido às circunstâncias postas pela árdua vida em que levavam o bando de cangaceiros.

Ressaltando que não iremos tratar aqui, especificamente, de uma história de gênero, porém é preciso abordar alguns aspectos sobre essas mulheres que entraram para o cangaço e, que são imprescindíveis para compreendermos a infância abandonada dos filhos dos cangaceiros.

A mulher por muito tempo foi subjugada na história pelo discurso do homem, e foi somente nos anos de 1970, que a historiografia desenvolveu estudos femininos, onde novas fontes começam a ser problematizadas (ARAÚJO, 2019), as cangaceiras eram apenas coadjuvantes nas narrações sobre o cangaço, não havia interesse em falar dessas personagens na história e nem pela mídia da época. Araújo (2019), explica que isso ocorreu na sociedade brasileira, porque as mulheres viviam em mundo patriarcal, no qual não possuíam direitos e viviam sob as ordens dos homens, seja ele pai, irmão ou esposo.

No entanto, a partir do século XX, de acordo com Del Priore (2004), as mulheres ganham visibilidade através das suas participações na mídia, nos sindicatos, revistas, movimentos sociais, ampliando a documentação e permitindo que suas falas fossem vistas pela historiografia. Com a ampliação do espaço de atuação das mulheres, novos documentos surgiram. Del Priore (2004), afirma que agora existem diversas possibilidades de enxergar a mulher na história:

Além de nos permitir estudar o cotidiano das mulheres e as práticas femininas nele envolvidas, os documentos nos possibilitam aceder às representações que se fizeram, noutros tempos, sobre as mulheres. Quais seriam aquelas a inspirar ideais e sonhos? As castas, as fiéis, as obedientes, as boas esposas e mães. Mas quem foram aquelas odiadas e perseguidas? As feiticeiras, as lésbicas, as rebeldes, as anarquistas, as prostitutas, as loucas. (DEL PRIORE, 2004, p. 7).

O olhar sobre a história das mulheres tornou-se possível com os estudos da nova história cultural, pois permitiu analisar uma fonte por outros aspectos, Burke (2012), explica que esse terreno pode ser descrito por meio da observação do simbólico e suas interpretações, com isso novos personagens ganharam vida na história. As mulheres, os pobres, as crianças, os criminosos, os trabalhadores, entre outros, que começaram a ter um destaque na história, um novo olhar da história além dos grandes feitos:

Em outro ensaio, publicado em 1929, Huizinga declarava que o principal objetivo do historiador cultural era retratar padrões de cultura, em outras palavras, descrever os pensamentos e sentimentos característicos de uma época e suas expressões ou incorporações nas obras de literatura e arte. O historiador, sugeria ele, descobre esses padrões de cultura estudando “temas”, “símbolos”, “sentimentos” e “formas”. As formas ou as regras culturais eram importantes para Huizinga tanto na vida como no trabalho, e ele achava que a “ausência de um sentido de forma”, como ele chamou, impedia-o de gostar da literatura norte-americana. (HUIZINGA apud BURKE, 2012, p.12)

A falta de documento não permitia ter informações suficientes sobre as mulheres, porém com esse novo olhar sobre a história das mulheres, é possível perceber novas representações sobre as mesmas. Não havia escritas que abordassem as mulheres. Se os documentos referentes às mulheres eram escassos, se tratando de mulheres pobres e do Nordeste a situação era ainda mais complicada. As sertanejas pobres, diferentes das que possuíam poder aquisitivo, não possuíam nada para que pudessem registrar em inventários, no qual pudessem deixar informações sobre sua vida. Figueiredo (2004), ao analisar a história de mulheres na cidade de Minas Gerais, afirma que “Essa pequena e silenciada multidão representa personagens anônimos de uma história sobre a qual ainda há muito o que contar e aprender” (FIGUEIREDO apud DEL PRIORE, 2004, p. 119).

De maneira semelhante, historiadoras feministas tentaram não apenas tornar as mulheres “visíveis” na história, mas também escrever acerca do passado sob um ponto de vista feminino. Dessa forma, os historiadores tornaram-se cada vez mais conscientes de que pessoas diferentes podem ver o “mesmo” evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas. (BURKE, 2012, p. 68).

No século XX, diversas mudanças ocorreram, e as mulheres conseguiram alterar a vida de submissão e falta de direitos, como afirma Cruz (2021), “Muitas mulheres entraram para a história e ficaram como símbolo de que nada seria como antes: Direito ao voto, pílula anticoncepcional, divórcio e conquistas no mercado de trabalho e outros direitos e garantias” (CRUZ, 2021, p. 2). Essas mudanças se fizeram presente no Nordeste brasileiro durante os anos de 1930, quando mulheres sertanejas ignoraram as regras para fazerem parte do bando de cangaceiros, indo contra tudo aquilo que lhes foi ensinado na infância.

Nos anos de 1930, um grande marco mudaria o modo de vida do bando de cangaceiro mais conhecido do Nordeste brasileiro, que seria o ingresso das mulheres no cangaço. Muito se tem falado dos cangaceiros e as mulheres que fizeram parte do bando, porém, não é comum se aprofundarem sobre os filhos que estes tiveram e, conseqüentemente, a infância destes. É importante ressaltar que mesmo não tendo a presença da mulher vivendo no bando de cangaceiros antes de 1930, isso não significava que os primeiros bandos de cangaceiros não tinham suas mulheres.

De acordo com Machado (1974), em sua tese de doutorado, “Anteriormente o cangaceiro poderia ter uma companheira que, contudo, não lhe seguia os passos, permanecendo na casa de algum parente” (MACHADO, 1974, p. 172). Esse costume continuaria com as gerações seguintes, a princípio, foi assim no bando de Lampião, segundo Negreiro (2018), o cangaceiro Corisco, por exemplo, manteve sua companheira na casa de um coiteiro por três anos até que Maria Bonita entrasse para o cangaço e abrisse as portas para outras integrantes. Sua companheira era Dadá, esta foi levada contra sua vontade e violentada. A casa onde ficava era vigiada por capangas para que não corresse o risco de a menina fugir ou caso a volante aparecesse.

No século XX, de acordo com Barreira (2018), ocorreram mudanças no procedimento dos cangaceiros, comparando aqueles que antecederam o bando de Lampião, estes buscavam por vingança que envolvia questões pessoais ou até mesmo questões políticas. Novos elementos apareciam no cangaço do século XX, a riqueza estampada no próprio corpo, como: anéis e cordões de ouro e prata, acabavam impondo respeito com seu armamento, amizades com pessoas poderosas, a exemplo, os coronéis poderosos, além de gastarem com generosidade e estarem alegres em festas (BARREIRA, 2018), assim era o modo de vida dos cangaceiros, isso acabou motivando inúmeros jovens a fazerem parte do cangaço, sem dar importância aos riscos e conseqüências que essa vida de “bandoleiro” carregava consigo.

Em relação a honra, Machado (1974), afirma que essa era uma questão que afetava mais de um grupo social, tanto pobre sertanejo como o rico fazendeiro, eram os padrões culturais da época em que se aplicava em todos os elementos da comunidade, a exemplo, “normas”, “valores”, “tradições” e “costumes”. (MACHADO, 1974, p. 183). Essas foram questões presentes por um longo período na sociedade, afetando diretamente as mulheres, pois para manter a honra da família as mulheres eram privadas de exercer aquilo que desejavam.

A jovem sertaneja naquele tempo estava condenada à obediência aos pais ou ao marido e a uma rotina tediosa sem perspectiva de mudanças. O cangaço simbolizava

o oposto. Os cangaceiros eram populares entre as mulheres. (BARREIRA, 2018, p. 153)

Com a vida de sofrimento e submissão vivenciada pelas mulheres nordestinas no século XX, muitas acabaram optando por escolher uma vida no cangaço, mas na maioria dos casos elas não tinham escolhas, visto que eram levadas contra sua vontade, e o que poderia ser sinônimo de liberdade transformava-se em sofrimento. Porém, isso acabou se tornando um problema para muitos pais sertanejos que temiam por suas filhas, que poderiam ser levadas por um cangaceiro. Negreiro (2018), em sua obra, expõe o seguinte em relação ao medo desses sertanejos: “... Entre os pais de meninas, pairava a constante ameaça de que uma delas despertasse desejo de um dos cangaceiros e fosse carregada para o meio do mato.” (NEGREIRO, 2018, p. 154). No contexto social da época, o perigo também estava presente em relação à própria volante¹³ que cometia atos de crueldade caso julgassem o sertanejo um traidor por defender os cangaceiros.

Estamos falando de homens e mulheres, em sua vida material, em suas relações determinadas, em sua experiência dessas relações, e em sua autoconsciência dessa experiência. Por ‘relações determinadas’ indicamos relações estruturadas em termos de classe, dentro de formações sociais particulares. (MARTINS apud THOMPSON, 1981, p. 111)

Não bastava ser mulher, e muita coisa mudava de uma região para outra, e as mulheres que entraram para o cangaço não eram nenhuma princesinha dos grandes centros urbanos, eram mulheres pobres que moravam no Nordeste brasileiro e sofriam com a fome, a pobreza e o descaso dos políticos.

Barreira (2018), coloca que quebrado o precedente, o número de cangaceiras seria às dezenas, isso em pouco tempo, chegando a trazer uma quantidade estimada de mulheres que começaram a viver no cangaço, em torno de quarenta ou sessenta, calculando ter até mais.

As mulheres traziam inúmeras mudanças para o bando, e não seria diferente com a presença de crianças. Essas mudanças deixariam o bando ainda mais vulnerável, tornando a fuga mais difícil. Sendo assim, havia razões pelas quais justificaram o abandono de seus filhos ao nascerem, entregando-os para outras pessoas criarem. Essas crianças foram silenciadas na época, visto que, conforme escrito anteriormente, a essa faixa etária não havia tratamento específico, sendo as crianças comparadas com os adultos, apenas em uma versão menor. Como podemos observar nas diversas literaturas e trabalhos, aqui mencionados, a respeito do cangaço, sabemos de inúmeros aspectos da vida na qual levavam. A vida no cangaço não era um ambiente

¹³“Forças volantes eram as milícias formadas para combater os grupos de cangaceiros” (Claudino, 2020, p. 18)

para crianças, pois era violento, não tinha segurança e a comida era escassa, sendo assim, não havia a possibilidade de criar uma criança naquelas condições, além do sol escaldante do Nordeste brasileiros, o risco de ficar em um tiroteio com a volante era uma possibilidade constante.

2.1. As mulheres do Nordeste nos anos de 1930: seu lugar na sociedade

As mulheres tinham uma reputação a cuidar entre a sociedade as quais estavam inseridas, sem exceções, incluindo todas, independentemente de sua classe social. No livro “A história das Mulheres no Brasil” de Mary Del Priore (2004), é abordado assuntos relacionados as mulheres em várias regiões e espaços do país. Em um dos artigos apresenta as mulheres do Nordeste (Piauí e Ceará), estas eram submissas ao sexo masculino e tinham que viver de acordo com as regras ditadas pela sociedade da época.

Mulheres ricas, mulheres pobres; cultas ou analfabetas; mulheres livres ou escravas do sertão. Não importa a categoria social: o feminino ultrapassa a barreira das classes. Ao nascerem, são chamadas “mininu fêmea”. A elas certos comportamentos, posturas, atitudes e até pensamentos foram impostos, mas também viveram o seu tempo e o carregaram dentro delas. (FALEI apud DEL PRIORE, 2004, p. 202)

A forma que as mulheres se comportavam no século XVIII, se difere de diversas maneiras da atual. O modo de se vestir era ditado pela sociedade em que estava inserida. As mulheres do Nordeste costumavam ter cabelos longos, conforme explica Falci (2004), era algo que as nordestinas tinham em comum, uma estima por cabelos longos. No cangaço, quando as mulheres desafiavam de alguma forma os padrões de condutas, eram castigadas, um exemplo clássico, foi o caso de mulheres marcadas no rosto pelo cangaceiro Zé Baiano, como forma de castigo por terem cabelos curtos ou por usarem vestidos que mostrassem as pernas. (CLAUDINO, 2020). As mulheres do Nordeste vestiam-se de forma diferente daquelas que viviam em grandes capitais, mesmo aquelas que eram filhas de grandes fazendeiros.

Mesmo as mulheres ricas costumavam se vestir com uma certa simplicidade se comparadas com as da elite litorânea. Também não costumavam usar joias em seu dia a dia. Traziam, debaixo da saia principal, duas saias de algodão, enfeitadas com barrado de renda (a chamada “renda de ponta”) e bem engomadas, além da “camisa de dentro” (espécie de combinação também debruada de renda renascença). A blusa exterior, em geral, de manga comprida, era ornada com plissados, apliques, bordados de crivo ou crochê. A intenção ao vestir-se era não revelar as formas do corpo nem mesmo insinuar seios ou pernas. (FALCI apud DEL PRIORE, 2004, p. 205).

Apesar de serem atribuídas às mesmas atividades as mulheres, percebemos algumas mudanças, em relação a esses afazeres, dependendo da região e classe social a qual pertencia.

Na região Nordeste, mesmo as filhas de fazendeiros, não realizavam as mesmas atividades das mulheres das grandes capitais. As sertanejas que não possuíam riquezas realizavam diversas tarefas para sobreviverem, como aponta Falci:

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prendas domésticas” - orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto, essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente. Tornavam-se facilmente alvo de maledicência por parte de homens e mulheres que acusavam a incapacidade do homem da casa, ou observavam sua decadência econômica. Por isso, muitas vendiam o produto de suas atividades através de outras pessoas por não querer aparecer. Na época, era voz comum que a mulher não precisava, e não deveria, ganhar dinheiro. (FALCI apud DEL PRIORE, 2004, p. 208).

As mulheres tinham de manter sua reputação, sobre essa ideia Claudino (2020) explica que: “As mulheres estupradas por cangaceiros e volantes morriam para a sociedade sertaneja (...). Porque todas as mulheres que perdessem a virgindade antes do casamento muito sofriam com o preconceito” (CLAUDINO, 2020, p.75). Porém, as mulheres que não tinham recursos financeiros, segundo Falci (2004), não tinham escolhas, mesmo sendo malvistas pela sociedade pelos seus atos considerados impróprios, tinham que procurar um meio para sobreviver e ter o seu sustento, estas aprendiam desde novas os ofícios no qual iriam trabalhar para sobreviverem:

Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras - estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher. (FALCI apud DEL PRIORE, 2004, p. 208).

Apesar das diferenças econômicas, percebemos que independente de seu poder aquisitivo, a vida da mulher nordestina estava resumida a cuidar da casa e dos seus filhos, não havia outro lugar no qual permitissem sua atuação, assim, Falci discorre:

No sertão nordestino do século XIX, a mulher de elite, mesmo com um certo grau de instrução, estava restrita à esfera do espaço privado, pois a ela não se destinava a esfera pública do mundo econômico, político, social e cultural. A mulher não era considerada cidadã política. (FALCI apud DEL PRIORE, 2004, p. 210).

Isso só ressalta que a mulher não possuía nenhum direito na sociedade, logo quando se formava moça seus pais já lhe procuravam um marido, pois não era recomendado ter filhas solteiras, e os estudos eram mais para os meninos, em alguns casos, de famílias mais ricas. Eles aprendiam a ler e escrever com professores particulares.

Até na hora do casamento o lugar social diferenciava-se. As moças da elite realizavam festas de casamento, a sertaneja desafortunada não podia arcar com um gasto desse, e não

existia nenhum dote, o que ela teria para oferecer ou ele? Então em algumas ocasiões importantes aproveitavam para realizar o casamento: “Os pagodes, festanças do gado, as festividades religiosas, eram os espaços anuais, quase únicos, dos encontros e rápidos casamentos”. (FALCI apud DEL PRIORE, 2004, p. 219)

Em alguns casos, como afirma Falci (2004), quando os familiares não aceitavam o matrimônio entre o casal, estes resolviam de outra maneira, a moça era raptada, geralmente no período da noite, e levada para a casa de alguém importante, a exemplo, um Juiz, para que assim pudessem se casar, no entanto, não aconteceria nada entre eles, isso seria uma forma de realizarem o casamento de forma mais rápida, pois uma moça raptada se não casasse perderia o seu prestígio, então mesmo contra a vontade da família o casamento era realizado. O casamento não demorava a acontecer, assim que a moça avisa à família a cerimônia acontecia em seguida, sem festa. Isso acontecia porque a honra da moça e da família estaria em jogo, o melhor era casar. Caso o rapaz não se casasse com a moça, se meteria em um grande problema, pois para honrar a família, os nordestinos não hesitavam em matar, caso fosse preciso fosse.

E o rapaz que raptasse alguém e não se casasse estaria sujeito às sanções da sociedade: seria considerado indigno, “roubador de honra”, deveria sair da região ou estaria sujeito às punições que a sociedade lhe impunha, tais como morrer ou ser “capado”. A vingança era mandada fazer pelo pai ou irmão para limpar a honra da família, numa sociedade em que a vindita era muito usual e os matadores profissionais nunca faltavam. (FALCI apud DEL PRIORE, 2004, p. 223).

De acordo com os costumes da época, “o matuto” só se casaria se possuísse uma roupa de domingo, ou seja, era a única roupa “nova” e teria que ter uma casa de palha e um cavalo para começar a sua vida de casado. Caso contrário, não adiantava pedir a moça em casamento que levaria um não.

A cangaceira Adília ao narrar a sua história, em um documentário intitulado: “Feminino Cangaço” (2016), conta que não podia aprender a ler e escrever, pois acreditavam que isso só serviria para mandar cartas para homens, sendo assim, não havia necessidade de aprender algo. O casamento era muito mais importante do que o estudo para as mulheres, a prova disso são suas obrigações desde novas, onde eram instruídas a fazerem seu enxoval. Falci reforça essa ideia:

E assim a confecção de enxovais iniciada aos 12 anos de idade das meninas, com peças de linho mandadas bordar e guardadas em papel de seda em baús; os conselhos amigáveis da mãe experiente para que a moça tivesse um comportamento moderado e repleto de solicitude, “para poder casar”, inculcavam na vida feminina a noção da valorização da vida matrimonial e, ao mesmo tempo, imprimiam-lhe uma profunda angústia, caso ela não viesse a contrair casamento antes dos 25 anos de idade. (FALCI apud DEL PRIORE, 2004, p. 214).

Assim era a vida das mulheres sertanejas, uma vida sem muitas emoções, que independente de sua classe social, tinham uma vida regrada pelas normas que a sociedade ditava, porém tiveram uma vida diferente daquelas que foram contra esses hábitos, que eram vistas como mulheres transgressoras pela sociedade. As sertanejas que entraram para o cangaço procuraram por uma vida diferente das demais de sua época, mas, como essas mulheres viviam dentro da Caatinga, sendo perseguida pela volante, viviam em meio a tiroteios e em constantes perigos.

2.2. O lugar da mulher no cangaço: entre “o amor, a simpatia e o temor”

As sertanejas viram no cangaço um novo estilo de vida que se diferenciava daquela ditada pela sociedade, ressaltando que tiveram as que foram contra sua vontade. De acordo com Claudino (2020), o cangaço teve origem ainda no período imperial, no final do século XVIII. Durante essas décadas de atuação surgiram diversos grupos, no entanto, o cangaço ganhou grande reconhecimento com o bando de Lampião, porém este não foi o primeiro como também não foi o único, antes do vulgo Lampião, tiveram outros cangaceiros, a exemplo, José Gomes Brito, conhecido pela alcunha de Cabeleira¹⁴ que atuou nos anos finais do século XVIII, em Pernambuco, e Sinhô Pereira que atuou no ano de 1907. E que não permaneceu estático, mudanças foram surgindo, e uma delas, como já vimos, foi à entrada das mulheres nos anos de 1930.

Ser um cangaceiro não era fácil como alguns imaginavam ser, de acordo com Cristovão de Sá (2020), precisava ter consciência do que se passava dentro do bando, ou seja, uma vida de guerra e morte eminente (CRISTOVÃO DE SÁ, 2020, p.11). O ex-cangaceiro, Deus te Guie, relata que a mulher viajava normalmente, igual os homens, com exceção em momento de gestação ou enfermidade. Para ele a mulher era igual o homem para andar, e ressalta “principalmente a mulher sertaneja”. A mulher sertaneja é um homem que anda dez léguas, quinze léguas, assim afirmou, Deus te Guie (DOCUMENTÁRIO FEMININO CANGAÇO, 2016). Mesmo com este depoimento, não seria fácil para as sertanejas seguir seus

¹⁴ Cabeleira e Lucas da Feira, “são considerados percussores do modo de vida criminal do cangaço, pois se tornariam criminosos, roubavam mediante ameaça, invadiam cidades pequenas, não agiam sozinhos e chefiavam pequenos grupos armados.” (Claudino, 2020, p. 35). Claudino (2020), afirma que para a “historiografia cangaço, Cabeleira foi o primeiro cangaceiro”. (Claudino, 2020, p. 35).

companheiros na Caatinga, mesmo para as nordestinas que eram consideradas, por muitos, como mulheres fortes. Adília em depoimento relata como era sua vida dentro do cangaço, apesar das riquezas que possuíam, às vezes não podiam realizar uma refeição:

“-Um dia comia no outro não comia, que não tinha tempo. Um dia bebia água, no outro não bebia (...) a gente não tinha tempo de beber com medo, e assim que era a vida de nois” (DOCUMENTÁRIO FEMININO CANGAÇO, 2016)

Segundo Barreira (2018), as primeiras cangaceiras eram da mesma região, a Bahia. Ao aderirem a esta vida, as mulheres deixavam para trás a sua família, pois não era aconselhado abrigarem-se em casas de parentes ou conhecidos, e agregaram novas características ao cangaço: como novas vestes, a higiene, a rotina nos coitos e nas batalhas, estas foram algumas dessas mudanças.

A entrada da mulher a partir de 1930 no Cangaço trouxe inovações entre as quais modificou o vestuário. São inseridos nas confecções das roupas variações de cores, incrustações de pedras, bordados e os bornais bem desenhados e elaborados. Dadá teve grande contribuição nesse quesito, considerada a figurinista do bando de Lampião. Houve a partir disso, um despertar da vaidade masculina no Cangaço. (ARAÚJO, 2019, p. 14).

Para Barreira (2018), as jovens do sertão levavam uma vida tediosa, condenada a obediência aos homens, e que não havia esperança de mudanças, mas o cangaço se apresentava o oposto. Oliveira (1996), afirma que esses cangaceiros despertavam fascínio nas mulheres sertanejas, pois representavam liberdade e possibilidade de ascensão econômica. No cangaço essas mulheres ganhavam um novo estilo de vida, da qual não estavam acostumadas, pois a sociedade a qual viviam não permitia que se vestissem de forma diferente, usar penteados, joias, dançar, e para reforçar essa ideia Barreira (2018) atenta que:

Elas ganhavam presentes, por vezes comida na boca, escolhiam perfumes, usavam roupas finas sob o uniforme para enfrentar a caatinga, podiam beber e fumar – Maria era adita ao tabaco, mas, sinal de respeito, não fumava na frente de lampião. Os vestidos perderam tecido, a barra subindo da canela ao joelho. (Barreira, 2018, p. 158)

Porém, não era uma vida somente de alegrias, muitas das vezes ela vinha acompanhada de perdas, como o abandono de seus filhos, sendo uma regra que todas teriam que cumprir, até mesmo a rainha do cangaço, Maria Bonita, sobre isso Cruz (2021) ressalta:

Segundo relatos das próprias cangaceiras sobreviventes, a pior coisa era ter filhos e não poder criá-los. O amor de mãe era substituído pela dor ao ver/ seus frutos carnis serem postos em outros braços. Os filhos eram doados, geralmente a algum conhecido que tivesse condições para dar um mínimo de conforto à criança. (CRUZ, 2021, p. 4 - 5).

O relato acima é de um dos sobreviventes do cangaço que pode contar as suas angústias enquanto viveram no cangaço, hoje com uso das redes sociais é possível ter acesso a muita

informação, e juntamente a isso, ter maior cautela, pois existem muitas narrativas que não são verídicas, sendo necessário um olhar crítico nas diversas narrativas. Esses conhecidos na maioria das vezes eram pessoas poderosas, a exemplo, dos religiosos, como o Padre Frederico, que ficou com a tarefa de cuidar de Inácio, filho de Moreno e Durvinha, ou outros fazendeiros e juizes que tinham influência contra a polícia e, assim, garantiam a segurança das crianças.

Diante dessas circunstâncias, é difícil imaginar que alguém queira uma vida dessa, porém pensar que todas entraram por vontade própria é um equívoco, como também é errado pensar que todas foram raptadas. Para Barreira (2018), algumas acompanharam seus maridos ou namorados e outras aderiram aos “foras da lei” por vontade própria, e as que foram contra sua vontade; conforme afirma Oliveira (1996, p. 18) “Dentre os motivos que fizeram com que as mulheres ingressassem no cangaço, podemos ressaltar o amor, ou simpatia, e o temor”. A forma como eram tratadas, de acordo com o documentário “Feminino no cangaço” (2016), dependia do seu companheiro, cada mulher teria “o seu carma pra sofrer”, de acordo com a fala de Dadá: “Maria de Pancada, era muito bonitinha, Pancada bate nela, puxa pelos cabelos” (DOCUMENTÁRIO FEMININO NO CANGAÇO, 2016). Outro exemplo foi a cangaceira Adília, que posteriormente em entrevistas, afirmou que foi maltratada e que seu companheiro era muito violento, e certa vez quase foi estrangulada por ele, ela afirma ter seguido o cangaço por amor ao seu companheiro, porém com a convivência se arrependeu da escolha que fez (DOCUMENTÁRIO FEMININO NO CANGAÇO, 2016).

Entrar para o cangaço era um caminho sem volta, com exceção da ex-cangaceira Otília que ao ser capturada pela volante, não retornou ao cangaço, Mariano, seu companheiro no cangaço, não demoraria em substituí-la (NEGREIROS, 2018); e a cangaceira Inacinha, companheira de Gato, ao ser baleada foi deixada pelo bando e levada para o hospital onde foi medicada e teve seu bebê, diferente das demais, teve assistência médica e não entregou o seu filho (BARREIRA, 2018); não era o caso de algumas sertanejas que se arrependiam de terem entrado para essa vida, a exemplo, a ex-cangaceira Adília, e sobre o seu desgosto, Negreiros (2018) informa que: “A visão idealizada de Adília não contemplava as longas caminhadas sertão adentro, tampouco a sede, a fome e o cansaço extenuante” (NEGREIROS, 2018, p. 122). Dadá, sempre que podia, aconselhava as meninas que queriam entrar para o bando, e sobre isso ela relata na entrevista:

Muitas vezes eu chegava na menina bonitinha, influída com eles namorando eu dizia: Minha filha, não se meta com este povo não (...) eu sei que não é nada minha e não posso me meter nisso, mas isso é uma vida miserável, que sofre. Você me ver assim, não queira saber dormir no molhado, andar no espinho subir saltada, correndo,

tomando tiro. Outra, não arruíne sua família. Meu pai “amuntaram” em burro brabo, cortaram a orelha; minha mãe e minhas irmãs presas cinco dias sem água, sem pão. Meus irmãos pequenos um de sete anos outro de seis anos tudo arrancado as unhas de ponta de faca. (DOCUMENTÁRIO FEMININO NO CANGAÇO, 2016).

A cangaceira que já tinha ali sua experiência alertava as demais que tinham interesse em entrar para aquela vida, pois não só elas iriam sofrer como seus familiares, que seriam perseguidos pela volante, que se tornavam tão cruéis quanto os próprios cangaceiros. Porém, no imaginário dessas sertanejas, uma vida no cangaço poderia ser melhor do que aquela vida miserável de fome e pobreza, enquanto no cangaço poderiam se cobrir com joias e roupas finas.

As mulheres que eram tidas como sensíveis, frágeis e que desde a infância eram ensinadas as atividades de casa, passaram a integrar o cangaço mostrando que podiam também fazer parte de um movimento que era diferente de todos já vistos, mesmo com todas as características e dificuldades apresentadas. Através delas, abriu-se espaço para outras mulheres que se identificavam e/ou aprendiam a viver essa realidade ao integrarem o bando. (CRISTOVÃO DE SÁ, 2020, p.14)

O momento mais difícil para as cangaceiras, de acordo com os relatos que algumas deixaram como Dadá e Adília, por exemplo, era o período da gestação. Pois além de não terem os cuidados médicos para acompanhar a gestação e na hora do parto, não podiam permanecer com seus filhos, visto que o lugar em que viviam não permitia, sendo este o momento de grande sofrimento para a mãe, reforçando essa ideia, Oliveira (1996), afirma que o cangaço não permitia que a mulher fosse mãe, e que logo em seguida ao parto sua vida tinha que seguir normalmente, sem resguardo.

“Para Sila, o parto trazia ao mesmo tempo alegria e tristeza, pois o filho tão esperado teria que ser entregue a alguém de confiança já que no bando não se permitiam crianças.” (OLIVEIRA, p. 33, 1996)

Todas as mulheres que engravidaram dentro do cangaço passaram por essa decisão, pois como sabemos, assim como não havia métodos anticoncepcionais para as sertanejas, para as cangaceiras também não havia, e Oliveira (1996) explica o seguinte:

Diante da falta de esclarecimento em relação a métodos anticoncepcionais, bem como devido a natureza machista do homem sertanejo, não existia, por parte das mulheres, uma preocupação em relação ao controle de natalidade (prevenção), haja vista que a mulher sertaneja por tradição tinha certa de quinze a vinte filhos, motivo de enaltecimento da virilidade masculina. (OLIVEIRA, p. 27, 1996)

Então não havia como evitar a gravidez, por mais arriscado que fosse a vida de uma gestante na Caatinga. Um dos métodos de controle de natalidade se explica por meio do aborto, pois como não havia os cuidados necessários, muitas perderam seus filhos devido às circunstâncias daquela vida árdua (OLIVEIRA, 1996). Alguns nasciam com vida, porém morriam logo em seguida. A vida sexual dos cangaceiros na Caatinga não era tão ativa como

muitos imaginavam, pois acreditavam que o corpo não podia estar aberto em um momento de batalha, portanto eram poucas as vezes que eles mantinham relações sexuais, tinha que procurar um coito muito seguro e ter a certeza que os “macaco¹⁵” não estavam à procura deles, isso poderia explicar porque o número de crianças nascidas no cangaço não foi numeroso, como costumava ser com as mulheres sertanejas que tinham muitos filhos.

Com relação à privacidade, não existia, apenas separavam as tendas dos cangaceiros solteiros das tendas dos que tinham uma companheira (DOCUMENTÁRIO FEMININO NO CANGAÇO, 2016). Algumas sertanejas possuíam fascínio sobre os cangaceiros, pois para elas a valentia era algo atraente, sem contar a possibilidade de ascensão econômica que a vida no cangaço poderia oferecer. Isso para elas era sinônimo de liberdade, pois a vida da sertaneja era de muito sofrimento e submissão casava muito nova e sua única função era ter filhos e cuidar da casa, muitas delas tinham que trabalhar na roça para ajudar no sustento da casa, pois a renda era pouca e tinham muitos filhos para criarem.

Reconhecendo suas experiências e práticas como importantes na dinâmica social do movimento, tornar-se fundamental atentar para o quanto a mulher lutou e luta para conseguir espaço e mostrar que suas práticas compõem e modificam de forma direta a sociedade. (ARAÚJO, 2019, p. 9).

Foi dentro deste universo que inúmeras mulheres tiveram sua maternidade negada, pois não podiam ficar com seus filhos quando nasciam. Segundo Dadá (DOCUMENTÁRIO FEMININO CANGAÇO, 2016), afirma que sempre tinha as pessoas certas para entregar seus filhos, outras não, entregavam ali mesmo, por onde estavam passando.

Muitos acreditavam que com as mulheres no bando os cangaceiros deixaram de ser tão violentos, havendo casos em que tiveram misericórdia por apelação da mulher. Ao mesmo tempo apontam que foi por conta da presença das mulheres que o bando enfraqueceu, pois elas não participavam nas lutas e era parte vulnerável do bando, onde tinham que destinar homens armados para protegê-las (BARREIRA, 2018). Todas as cangaceiras andavam armadas, mas os seus revólveres eram mais para indicarem sua localização, quando necessário. (DOCUMENTÁRIO FEMININO CANGAÇO, 2016). Muitos sertanejos temiam a visita de cangaceiros, pois sabiam que se um cangaceiro se interessasse por alguma de suas filhas, o pai não livraria dessa vida.

¹⁵ “As forças formadas por soldados para combater essa manifestação de banditismo eram chamadas de ‘volantes’, porém ‘macacos’ para os cangaceiros” (LEITE; BARACUHY; MARTINS, 2016, p.155)

Sinhô Pereira, antecessor de Lampião, não ficou satisfeito com a atitude que ele tomou, pois, a mulher no bando não era uma boa ideia de acordo com ele. Isso porque os sertanejos, assim como os cangaceiros acreditavam em diversas crenças que eram passadas de geração e geração, e no bando de cangaceiro ter relações sexuais com mulheres abria o corpo, pois eles retiravam os amuletos na hora do ato, ficando assim desprotegido (BARREIRA, 2018). Sinhô Pereira afirmou que homem de batalha não anda com mulher, pois após a relação perdia o poder da oração e seu corpo ficava igual uma melancia, qualquer bala matava (Barreira, 2018), e não era tão simples para eles recuperar essa proteção, e Pereira diz o seguinte sobre:

A forma de fechar o corpo novamente levava tempo, disse ele. Era necessário entregar a oração (um colar com rezas) a um amigo e recuperá-la depois de quinze dias. Antes de vestir o amuleto, era preciso tomar banho e levar as roupas para expurgar o pecado. O problema é que não havia tempo predeterminado para que a oração voltasse a funcionar, e o cangaceiro estava aberto às balas inimigas no período. (BARREIRA, 2018, p. 149).

Percebemos que isso poderia explicar o número menor de gestantes dentro do cangaço, como sabemos as mulheres do Nordeste nos anos de 1930, costumavam ter muitos filhos, mas como podemos notar as cangaceiras no tempo em que permaneceram no cangaço não tiveram muitos filhos, a crença entorno dos amuletos, como mencionado acima, era um dos motivos pelo qual não havia um número maior de gravidez entre as cangaceiras, comparados as sertanejas dos anos de 1930. Outra razão estava relacionado às dificuldades de viver na Caatinga¹⁶ por se tratar de um bioma de extremas secas e grandes estiagem seu clima é semiárido, com vegetações que possuem muitos espinhos e a escassez de água.

O primeiro ano das mulheres no bando, como afirma Barreira (2018), foi bem tranquilo, pois elas não ficavam na mata junto com os cangaceiros, ficaram em coitos, havia o cuidado de esconder que as mulheres estavam no bando por medo da ação da volante. Apesar de ser um número pequeno de mulheres, isso não significava que todas se davam bem, havia algumas intrigas entre elas. A relação de Dadá e Maria do Capitão, por exemplo, não era de amizade:

[...] para tornar tudo mais terrível, seria obrigada, nos dias seguintes, a suportar a companhia de Maria de Déa. Não tolerava a Rainha do Cangaço desde que a vira, toda cheia de si, ao lado do marido. Considerava-a abusada, ranzinza, orgulhosa, metida a besta e barulhenta. Detestava sua risada quebrada, sua constante tentativa de puxar conversa e implicava com sua forma de se vestir, “arrumadinha como uma boneca”. (NEGREIROS, 2018, p.63-64).

¹⁶ “Essas andanças dos cangaceiros exigiam um alto conhecimento da caatinga para se deslocarem, escondendo-se na vegetação espinhenta em caso de ataque e defesas, capacidade de encontrar água e alimento, quando não havia mais e a utilização das benzeduras, o conhecimento popular, com os remédios da medicina sertaneja para tratar dos corpos mutilados marcados por peixeira e penetrados por espinhos e balas.” (COSTA, 2019, p. 8-9)

Entrando para o cangaço, as mulheres puderam vivenciar outro estilo de vida a qual não seria possível se permanecessem como uma simples sertaneja sob tutela da família. Mesmo os cangaceiros não aceitando alguns comportamentos das mulheres sertanejas, dentro do bando era ignorado, fazendo com que as mulheres tivessem uma certa liberdade, Barreira explica que:

Havia uma dupla moral cangaceira. As companheiras levavam uma vida de liberdade inimaginável para os padrões sertanejos, mas, em ações públicas, o bando punia, por exemplo, moças de cabelos curtos (anos depois, Maria introduzia o corte à La garçonne entre as cangaceiras, diante de um perplexo Lampião), maquiagem e roupas que mostravam o corpo- as mesmas que as garotas do bando usavam nos esconderijos. Qualquer postura que os cangaceiros julgassem indecente era castigada. (BARREIRA, 2018, p. 164)

Algo corriqueiro que acontecia eram doenças que os cangaceiros adquiriam em casas de prostituições, mas isso não era nenhum mal para eles, visto que isso só mostrava a virilidade, os cuidados eram bastante dolorosos, e o cangaceiro Zé Baiano tinha habilidades para curar essas doenças (BARREIRA, 2018):

Os abscessos intumescidos que formavam na virilha em decorrência do linfogranuloma, popularmente conhecido como “mula”, eram abertos a canivete e espremido até que a última gota de pus fosse drenada. De todos os cangaceiros Zé Baiano era o mais habilidoso na tarefa. (BARREIRA, 2018, p. 73)

Para as mulheres do sertão nordestino, viver no cangaço era sinônimo de liberdade. No entanto, essa liberdade lhes privava de serem mães e cuidar de seus filhos, pois muitas dessas, que agora eram cangaceiras, nunca mais viriam seus filhos, outras perderiam ali mesmo, na mata, sem ter a chance de um dia reencontrá-los. E assim as mulheres do sertão buscaram mudar o seu destino: “Reinventou seu cotidiano e construiu sua imagem de acordo com suas ações e desejos. Ela saiu do estereótipo criado para a mulher do século XX, e se posicionou em um novo cenário de instâncias e perigos.” (ARAÚJO, 2019, p 14).

As sertanejas que levavam uma vida tradicional, de serem apenas domésticas e submissas aos maridos, mudaram esse pensamento e algumas buscaram ter uma vida de aventuras seguindo os cangaceiros. (CRISTOVÃO DE SÁ, 2020). Quebrando assim paradigmas que estavam enraizados na sociedade sertaneja. Para reforçar essa ideia Araújo (2019) atenta:

... a mulher cangaceira rompeu com paradigmas de seu tempo. Reinventou seu cotidiano e construiu sua imagem de acordo com suas ações e desejos. Ela saiu do estereótipo criado para a mulher do século XX e se posicionou em um novo cenário de instâncias e perigos. (ARAÚJO, 2019, p 14).

Assim era a vida das cangaceiras que se tornaram mães, mas que não poderiam cuidar de seus filhos, pois a nova vida que escolheram não permitia a presença de crianças, e abandonar o cangaço parecia não ser uma opção. Os prazeres que a vida de aventura lhes oferecia pareciam

não ter importância quando estes tinham que entregar seus filhos para serem criados longe de seus braços.

3. CAPÍTULO: UMA INFÂNCIA LONGE DO CANGAÇO: MEMÓRIAS DOS SOBREVIVENTES.

O cangaço no século XX foi um tema que ganhou grande repercussão em diversos periódicos¹⁷, como as revistas “A noite Ilustrada” (1931 a 1954), “O Cruzeiro” (1932); jornais como: “O Ceará” (1926) e “Jornal da Bahia” (1931) entre outros; todos estes sempre traziam notícias referentes ao cangaço e aos atos do líder Lampião. Entre esses periódicos, é possível encontrar reportagens que tratam dos filhos dos cangaceiros, no entanto, é um material escasso quando se trata dessas crianças. Dentre esses periódicos citados, a revista “A noite Ilustrada”, traz reportagens a respeito dos filhos dos cangaceiros, porém não se tem muitas informações. É importante ressaltar que o acesso a esse material, só é possível encontrar apenas alguns recortes, através da internet. E foi por intermédio desse periódico (A Noite Ilustrada), que surgiu a curiosidade de saber um pouco da infância dos filhos dos cangaceiros. E alguns questionamentos surgiram: Qual a reação das pessoas em saber que eram filhos e filhas de cangaceiros e cangaceiras? Existiam mágoas pelo abandono? Esses filhos e filhas de cangaceiros e cangaceiras estão vivos e vivas? O uso desse material pelo profissional da história transforma-os, na expressão de Jacques Le Goff (1990), de monumento relegado ao passado em documento histórico.

O estudo da imprensa vem se constituindo num dos elementos fundamentais para a reconstrução da história, que através do seu intermédio pode aproximar-se das práticas políticas, econômicas, sociais e ideológicas dentro dos diversos setores que compõem uma sociedade de forma dinâmica. Dessa maneira a imprensa tornou-se uma fonte rica e diversificada de conhecimentos, não apenas para construção de uma história da imprensa, mas abrindo a historiografia para outras possibilidades de estudo fugindo assim da historiografia tradicional. (AGUIAR, 2010. p. 5).

Neste capítulo, conforme anunciei na introdução, utilizarei entrevistas encontradas no youtube, em que tentaremos analisar as representações construídas pelos entrevistados sobre o momento das suas respectivas infâncias, em que foram abandonados por seus pais, sob a justificativa de dar uma vida melhor a seus filhos e filhas.

¹⁷Esses são apenas alguns dos periódicos que abordaram o tema “Cangaço”. Clemente, utiliza esse material para escrever o seu artigo “Lampião e o cangaço: Trajetórias de vida, Histórias como flagelo (1920-1930). CLEMENTE, Marcos Edilson Araújo. LAMPIÃO E O CANGAÇO: TRAJETÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS COMO FLAGELO (1920-1938). *Revista Escritas do Tempo*, [s. l.], v. 2, n. 4, p. 108-132, mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/download/1223/532/>. Acesso em: 12/03/2022.

O youtube, de acordo com Pereira (2018), é uma rede social formada por diversos vídeos variados e foi lançado em 2005, mas somente em 2006 foi adquirido pelo Google. Seu acesso é gratuito, além de ser acessado através de uma plataforma on-line, na atualidade atinge um grande público-alvo. Segundo a própria empresa, a missão da rede social é “dar a todos uma voz e revelar o mundo” (PEREIRA, 2018, p. 9). Esta plataforma funciona da seguinte maneira:

A plataforma funciona através de canais onde os criadores desenvolvem seus trabalhos fazendo o upload de vídeos, e o acesso a estes conteúdos pode ser feito através de uma busca na internet ou na própria plataforma. Existem canais com conteúdos diversos e indica-se que o usuário faça a inscrição no canal que lhe é conveniente seguir, de acordo com aquilo que gosta ou se identifica. Desta maneira, as notificações de novas postagens serão alertadas conforme estas forem sendo feitas pelos autores dos vídeos. (ROSA, 2018, p.16)

Rosa (2018), continua afirmando que essa plataforma, além de ser utilizada como entretenimento, da mesma forma, pode ser um espaço de conhecimento. “Entre milhões de canais com conteúdos tão diversificados, o que se tem percebido nos últimos anos é um aumento de canais com conteúdo histórico” (ROSA, 2018, p. 24). Por meio desta plataforma e a diversidade de conteúdo que nela existe, podemos ter acesso a entrevistas realizadas com pessoas que viveram no cangaço e até mesmo seus filhos que, quando crianças, não puderam ficar com seus pais. Destacando que, apenas alguns nasceram dentro do cangaço, quando ainda estava na ativa, outros, porém, nasceram após os pais deixarem a vida no cangaço.

A plataforma do youtube, segundo Rosa (2018), é um ambiente que permite todo tipo de conteúdo, sendo assim, é possível encontrar uma diversidade de vídeos e canais que falam sobre o cangaço¹⁸, a exemplo, canais como: “Cangaço Eterno”, “O cangaço na literatura”, “Na rota do cangaço”, entre tantos outros que tratam de outros conteúdos, além do cangaço.

Através deste universo da Internet, foi possível encontrar entrevistas realizadas com os filhos dos ex-cangaceiros, falando um pouco de suas vidas e do fenômeno que foi o cangaço

¹⁸Descrição do canal “CANGAÇO ETERNO”: De acordo com o próprio canal -“Canal criado em 21 de outubro de 2020. Dedicado à manutenção e preservação da história do cangaço. Tema esse que é patrimônio da cultura brasileira e em especial nordestina.” Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UComO7XvqNE-sKIBUgGMx4GQ/featured>. Acessado em: 12/03/2022.

Descrição do canal “O CANGAÇO NA LITERATURA”: De acordo com o próprio canal “Diante de tantas verdades e farsas que nos rodeiam, este canal surge para tirar algumas dúvidas. Será que são verdadeiras as alegações que aparecem na internet ou que nos contam? Acompanhem este mais novo canal, apresentado por Robério Santos. Vamos investigar?” Disponível em: <https://www.youtube.com/c/OCanga%C3%A7onaLiteratura/featured>. Acessado em: 12/03/2022.

Descrição do canal “NA ROTA DO CANGAÇO”: De acordo com o próprio canal “Vamos te botar dentro dos combates épicos mais famosos do cangaço, sinta a qualidade audiovisual de cinema como se estivesse dentro da história. Sinta a emoção e a sensação real da história.” Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCS3-HiQqSCgGogqFqbFSR7A>. Acessado em: 12/03/2022.

nos de 1930, por meio de suas recordações, que apesar do tempo, ainda estão presentes na memória e lembranças. Mesmo não sendo uma testemunha ocular dentro do cangaço, essas crianças guardam a lembrança do que ouviram sobre seus pais. “Em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória a longo prazo e, temporariamente, na memória ativa”. (GOODY apud LE GOFF, 1973, p. 425)

Através da memória dos filhos dos cangaceiros, tentaremos construir as recordações, a respeito de sua infância, estas que estão guardadas em sua memória; crianças que agora são adultas, e narram um pouco da sua história. A memória está ligada ao passado que não existe mais, as recordações são construídas através da percepção da memória atual. As lembranças que esses filhos e filhas de cangaceiros preservam, sobreviveu, pois existe um trabalho de construção e reconstrução dessas recordações passadas (SARTORI, 2018).

Um inglês, Gautier Map, escreve no final do século XII: "Isto começou na nossa época. Entendo por "nossa época" o período que é para nós modernos, quer dizer, a extensão destes cem anos de que vemos agora o fim e de que todos os acontecimentos notáveis ainda estão frescos e presentes nas nossas memórias, primeiro porque alguns centenários ainda sobrevivem *e também porque muitos filhos têm relatos muito seguros do que não viram dos seus pais e dos seus avós*. (GAUTIER apud LE GOFF, 1990, p. 451, grifo nosso)

Considerando que no youtube há muitos documentos a respeito do cangaço, foi preciso realizar uma filtragem na hora de escolher qual material (vídeo ou entrevista) seria utilizado. Dado que, a pesquisa está voltada para a infância dos filhos e filhas dos cangaceiros e cangaceiras, optei por vídeos que abordam na fala dos entrevistados questões como: a gravidez; o momento do abandono; as lembranças que essas crianças possuem de seus pais biológicos e se houve influência na infância devido à condição de serem filhos de “bandoleiros¹⁹”. E buscar entender as causas desse abandono e se existia interesse deles em procurar por seus filhos? Essas questões nos levaram a refletir sobre a infância dessas crianças que foram afastadas de seus familiares. O marco que possibilitou esse acontecimento foi a participação das mulheres no cangaço, também permitiu que recém-nascidos fizessem parte deste universo, mesmo que por um período muito curto.

¹⁹Termo utilizado para se referir aos cangaceiros. “Bandoleiros”: Salteadores que percorria o sertão do Nordeste do Brasil, geralmente em grupos armados, sobretudo no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX = CANGACEIRO. In Dicionário de língua portuguesa [em língua], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/bandoleiros>. Acesso em: 21/03/2022

3.1. Cangaceiras: “maternidade negada”

Com as mulheres vivendo juntamente com os cangaceiros, no ambiente que antes era predominantemente masculino, não tardou para que logo surgissem as gestações no meio da Caatinga, mais uma novidade para os cangaceiros, assim como foram as mudanças acrescentadas na vida dos cangaceiros com as mulheres, a exemplo, a busca por lugares com água para a higiene pessoal.

As mudanças na vida das sertanejas não mudariam apenas nos deveres domésticos, como já mencionado, a maternidade seria outra mudança na vida das cangaceiras.

Se as mulheres no cangaço não tinham obrigações com serviços domésticos — mesmo porque essa tarefa era dividida com os "mininos" — sofriram, entretanto, uma série de obstáculos no dia-a-dia de luta contra as volantes. Esses obstáculos se afiguravam muito mais angustiantes, no momento em que elas se encontravam grávidas, principalmente no fim da gestação, quando necessitavam, muitas vezes, de percorrer regiões super áridas como o Raso da Catarina. (MACHADO, 1974, p. 171)

A gestação era um período muito complicado para as cangaceiras, pois viviam realizando longas jornadas por caminhos íngremes, sem contar que nem sempre a alimentação era boa. Quando estavam mais tranquilos, os macacos não os perseguiram podiam ter um descanso melhor nos coitos dos fazendeiros em que a alimentação era melhor.

Adelaide, ex-cangaceira, companheira do cangaceiro Criança, do subgrupo de Corisco, se agradou da moça e a levou para viver no cangaço. A cangaceira teria uma passagem breve no cangaço, porém muito marcante. Logo quando entrou para o bando, teve sua primeira gestação, vivenciando assim, duas novas experiências: as regras de convivência no cangaço e a gestação.

Quando estava prestes a parir, o grupo viajou para as proximidades da Serra Negra, na Bahia. Ali, sob a proteção do coronel João Maria de Carvalho, sentiam-se seguros em momento tão vulnerável; Nos primeiros dias depois do nascimento do bebê antes do despacho para a nova família, o conveniente era manter em coito de qualidade, de forma a evitar que fossem atacados por macacos, atraídos por choro de recém-nascido. (NEGREIROS, 2018, p.154)

Foi assim, que Adelaide procurou mais segurança para ter o seu filho, no entanto, Negreiros (2018), afirma que os coitos²⁰, onde os cangaceiros procuravam abrigo ou ajudas,

²⁰O coito na linguagem do cangaceiro, significava “esconderijo”. “Para ser acusado do crime de dar coito a Lampião não é preciso mais que o abrigue durante uma noite, alimente-o, ou lhe forneça armas ou dinheiro. Ser coiteiro para a polícia é servir-lhe um copo d’água numa rápida parada de sua marcha incessante; é vê-lo passar ao longe, e não ir, pressuroso, delatá-lo; é topá-lo na estrada e responder às perguntas que lhe forem feitas; é, enfim, todo aquele que voluntária ou involuntariamente tenha com ele o mais leve contato.” (1985 p. 102). Disponível em: <http://etalasquera.ueuo.com/cangaco/cangc.htm>. Acesso em: 18/03/2022

apesar de seguros, não trariam a confiança total de cangaceiros experientes, estes jamais baixavam a guarda. Um exemplo, que deixa claro o alerta dos cangaceiros, quando um novo integrante eufórico por possuir uma arma, começou a atirar para todos os lados, Adelaide que estava no coito acorda assustada, e foi preciso sair em retirada, pois agora não era um lugar seguro. Para desespero de Adelaide, teria que procurar outro lugar, levantando suas tendas, rumo à Fazenda Pedra D'Água, em busca de abrigo. Porém durante essa caminhada, Adelaide que já estava prestes a parir, começou a sentir as contrações (NEGREIROS, 2018). “Apesar das dores, prosseguiu caminhando o mais rápido que pôde, tomando cuidado redobrado para que seu corpo pesado não deixasse rastros.” (NEGREIROS, 2018, p. 155).

O cuidado era constante, não importava a situação, se fosse preciso sair, não tinha jeito, tinha que seguir estrada. Algumas cangaceiras engravidaram mais de uma vez, e nem sempre a criança sobreviveria às intempéries do sertão. É o caso de Dadá que teve mais de uma gestação e apenas um dos seus filhos nasceu bem e sobreviveu. Em torno de um ano, em 1931, Maria Bonita ficou grávida, e esta não era a única cangaceira que esperava um filho. Dadá também fica grávida, no entanto estava na sua segunda gestação, Durvinha e Otília viviam sua primeira experiência, gestantes e no cangaço. Negreiros (2018) discorre que Dá teria seu segundo filho em maio, e seria uma menina, porém esta não sobreviveria, “... morreria ali mesmo, no raso, antes que pudesse ser enviada para algum lugar seguro”. (NEGREIROS, 2018, p. 103).

A gestação era um risco para a vida da mulher cangaceira, que sem ter cuidado específico durante a gestação e o parto poderia morrer sem contar os riscos durante o tiroteio, a exemplo, a cangaceira Inacinha, grávida de oito meses, buscava refúgio para descansar quando foi cercada, pela volante do tenente João Bezerra, e durante o fogo cruzado, foi ferida nas nádegas (BARREIRA, 2018). Mesmo diante dessas dificuldades, logo outras cangaceiras engravidariam. Negreiros (2018), afirma que não demoraria e mais duas meninas nasceriam as de Durvinha e Otília em meio ao xiquexique. Ela explica que assim como ordenava as leis do cangaço, logo seriam separadas da mãe. Antes da partida deram banho e vestiram as crianças, para serem enviadas, juntamente com uma carta escrita por Corisco, enviada para um sargento da polícia baiana. E assim aconteceria com qualquer cangaceira que tivesse um filho.

Em alguns dias mais uma criança viria a nascer. No dia 13 de setembro nasceu Expedita – filha de Maria Bonita e Lampião. A parturiente teve ajuda de uma parteira, mas nem sempre isso era possível, apenas quando estavam em momentos de calma em coitos. João Maria de Carvalho teria sido o intermediário entre Lampião e o casal de vaqueiros Severo e Aurora, da

fazenda EXU, em Sergipe. Dona Aurora tinha dado à luz à pequena Maria das dores havia pouco tempo e ainda amamentava. Para espantar suspeita diria aos vizinhos que eram irmãs gêmeas. Isso acontecia, pois temiam a represália dos soldados, sendo a filha do cangaceiro mais procurado do sertão, não seria uma boa ideia saber do paradeiro de sua filha, outro motivo, seria a proteção da própria família que recebia a criança visto que temiam por suas vidas, pois os macacos poderiam perseguir por achar que estavam aliados aos cangaceiros. Assim, todas as mulheres após o parto se despediam dos seus bebês. Maria amarrou um pano forte envolta dos seios, que ficavam imobilizados, apertados e espremidos. Era a maneira de evitar que túrgidos de leite, manchassem seu vestido. (NEGREIROS, 2018). Adília, ex-cangaceira, reforça em entrevista como era difícil esse momento da gravidez, porém afirma que essa vida na Caatinga as tornava mulheres mais fortes.

...Eu mesmo ganhei no mato. – não tinha repouso, e a gente não tinha nem uma dor de cabeça, a gente não tinha, era difícil, mas a mulher é forte. A força da caatinga, por isso gosto, dá força pra gente, saúde, dá tudo. Não é viver na poluição.... (CANAL ADERBAL NOGUEIRA, 2018)

Na hora do parto não havia preparação alguma, o nascimento do filho ou da filha dependia de quem estivesse no momento. O único cuidado, às vezes possível, era encontrar um lugar seguro para o nascimento da criança, mas isso na maioria das vezes não era possível. E encontrar um lugar seguro não significava que estariam livres de ataques.

Negreiros (2018), fala do nascimento do primeiro filho de Corisco e Dadá, viria ao mundo e nos primeiros dias receberia os cuidados de indígenas que ficavam próximos ao Raso da Catarina os pankararés. Seu nome era Josafá, com apenas alguns dias de nascido foi retirado dos braços da mãe e entregue a um fazendeiro especializado na engorda de gado. No instante em que deu adeus a seu bebê, Dadá sentiu, conforme definiria um dia, “a maior dor do mundo”. (NEGREIROS, 2018, p. 63). Elas sabiam que enquanto estivessem nessa vida jamais poderiam criar seus filhos e vê-los crescer, mesmo tendo condições financeiras para isso. Ao se tornar uma cangaceira seu papel não seria mais o mesmo de uma sertaneja comum, principalmente em relação à maternidade.

O papel da mulher mudou nas questões ligadas à maternidade e também à feminilidade. As mulheres cangaceiras pariam, mas não maternavam seus filhos, pois o ambiente do cangaço já havia inserido as mulheres, mas nunca foi espaço para crianças, frutos das relações amorosas dos cangaceiros. As mulheres tinham seus filhos, mas se separavam o mais rápido possível de suas crias, deixando dessa maneira de representar o papel social de mães cuidadoras. (CLAUDINO, 2020 p.137).

Os primeiros anos em que as mulheres andaram pela caatinga, foi relativamente tranquilo. Lampião e seus companheiros estavam bem equipados e havia muitas alianças com

fazendeiros e até mesmo políticos. Porém, essa calma não iria permanecer por muito tempo. Com tudo que já tinha conquistado, Lampião cogitava abandonar o cangaço, mas não para desaparecer, imaginou ser governador de Estados do Nordeste, mas antes que conseguisse sua anistia pelos crimes que cometeu, seria finalmente derrotado, dando fim ao cangaço no sertão (BARREIRA, 2018). “No fim de 1937, com o Estado Novo, e o câmbio de “governo revolucionário” para ditadura assumido, as condições estavam dadas” (BARREIRA, 2018, p, 193). O cangaceiro não se encaixava na nova moldura do Brasil modernizado, a ordem agora, era colocar um fim nos “bandoleiros” do sertão.

As instituições e o poder constituído no Brasil de Getúlio Vargas, porém estavam cada vez mais fortes e autoritários. O universo político pela qual navegou Lampião, o estado semi-feudal baseado no poder local de coronéis, no compadrio, no governo débil, caminhava para o fim. Alheio para o que se passava nas capitais, e em uma visão muito diferente da vida mansa exibida nas fotos de Benjamin Abrahão e do poder militar tal como desejavam os comunistas, Lampião e seus homens tratavam simplesmente de sobreviver na caatinga. Desde 1936, o jogo estava mudando ele tinha consciência disso. (BARREIRA, 2018, p. 194).

Os cercos estavam se fechando para os cangaceiros, que já não tinham mais a mesma liberdade de andar pelo sertão, encontrando apoio aonde chegasse. Lampião que antes possuía os melhores armamentos precisa lutar com seu inimigo, a volante com armamentos mais pesados como submetralhadoras e granadas, contando ainda com a abertura de estradas: o que antes era uma mata fechada, abria-se espaço para a modernidade (BARREIRA, 2018). Não foi apenas esse apoio que Lampião perdeu, os laços dentro do próprio bando também se romperam.

O Rei do Cangaço encolhia os antigos apoiadores poderosos o abandonavam. Os rapazes, os meninos como lampião gostava de chamá-los, o traíram, pela primeira vez. O cangaceiro Barreira entregou a cabeça decapitada de Atividade para selar sua rendição. (BARREIRA, 2018, p. 197)

Ao analisar o contexto em que as mulheres entraram para o cangaço, percebe-se que entregar os seus filhos para outras famílias, talvez tenha sido a melhor solução para o resguardo das crianças. Os perigos que a vida no cangaço oferecia iam além de viver na Caatinga; no confronto contra o inimigo não havia compaixão, portanto, a melhor chance de sobrevivência das crianças seria viver longe de seus pais biológicos, como veremos.

3.2. Uma história de abandono: no cangaço não tem lugar para criança

Como já foi visto, são inúmeros canais de mídia e literatura que tratam da história dos cangaceiros. Porém, vale ressaltar, ainda, que por meio dos canais: Cangaçologia, Aderbal

Nogueira, Augustoqm5, O cangaço na Literatura e Canal CEEC - Centro de Estudos Euclides da Cunha, 2016; podemos encontrar entrevistas dos filhos e filhas que nasceram no cangaço e conhecer um pouco mais de suas histórias.

Com a diversidade de entrevistas que é possível encontrar, procurei por aquela em que os filhos dos cangaceiros tivessem nascido ainda quando o bando estava na ativa e aqueles que falavam de sua infância, pois é o que se trata esta pesquisa. Um desses canais – canal Cangaçologia – destinado à preservação e divulgação da história do cangaço e seus personagens, é um trabalho sem fins lucrativos e de caráter educacional, que tem como único propósito resgatar e preservar essas histórias sobre o cangaço (CANAL CANGAÇOLOGIA, 2012). Neste canal é possível encontrar uma sequência de vídeos que entrevistam os filhos de cangaceiros. E nessas entrevistas falam um pouco de sua infância, de como era ser filho de cangaceiros, algo que não se vê nas literaturas escritas sobre o cangaço.

Nesse canal, em uma entrevista que tem por título: *Filhos do Cangaço- Inácio Carvalho Oliveira “Inacinho”, filho do casal de Cangaceiros Moreno e Durvinha*, revela um pouco da vida de Inacinho, contada por ele mesmo, com duração em torno de 46 minutos, e foi publicado no dia 20 de agosto de 2015, uma entrevista ainda recente. Antes de iniciar, o entrevistador traz algumas informações sobre o personagem, já no início do vídeo:

Inacinho nasceu no dia 03 de janeiro de 1938, quando seus pais ainda estavam no cangaço, e permaneceu na companhia deles durante mês, mas devido os perigos e a dura vida que levavam em meio à caatinga, decidiram (era obrigados) entregá-los para adoção. Escolhendo para essa tarefa o Padre Frederico Araújo da cidade de Pernambuco de Tacaratu, cidade natal do cangaceiro Moreno. Desse dia em diante demorariam longos sessenta e seis anos, mais precisamente no ano de 2005, para que o reencontro entre pais e filhos fosse realizado. O reencontro entre Inacinho e seus pais só foi possível graças á insistência e esperança que sua irmã Noeli Maria da Conceição manteve durante vários anos, na tentativa de localizá-lo, quando muitos já não acreditavam nessa possibilidade. (CANALCANGAÇOLOGIA, 2015)

Assim como qualquer criança que nascia no cangaço, Inácio foi entregue para outra família criar e para essa tarefa, seus pais escolheram o Padre Frederico. De acordo com sua fala na entrevista o entrevistado afirma que sempre soube que era filho de cangaceiro, o seu pai adotivo nunca escondeu, porém ficaria com o Padre apenas até os seis anos de idade, pois este veio a falecer e Inacinho novamente foi para outro lar, desta vez para uma família abastada de Taracatu que eram os Carvalhos e os Benzela. Ao ser questionado sobre sua infância percebemos as perdas que se teve ao ser abandonado por sua família, em sua fala Inacinho, afirma o seguinte:

Minha infância em taracatu... enquanto eu não entendia bem as coisas, foi ótima, porque eu fui criado, fui educado por uma família nobre de Taracatu que era os

Carvalhos e os Benzela dona senhora era de família nobre de Taracatu. Logo depois fui crescendo e vendo a discriminação de alguns adultos, quando brincava com outras crianças, o cara passava e dizia: “olha aí, estão brincando com ele; cuidado! ele é valente, é filho de cangaceiro. Ai comecei a entender que era discriminado, por ser filho de cangaceiro. Como criança foi uma infância normal, não nego que sentia muita falta de ter um pai e muita vontade de ter irmãos, principalmente uma irmã, você vai me perguntar por quê. Porque quando tinha 12 anos que queria namorar aos outros coleguinhas das irmãs e eu não tinha; tinha dificuldade de se aproximar das garotas. (CANAL CANGAÇOLOGIA, 2015).

Mas, por que essas crianças não ficavam com os familiares? De acordo com relatos de ex-cangaceiros, isso ocorria, pois temiam pela vida da criança e dos próprios familiares. Inacinho explica em entrevista porque não foi morar com sua família:

Que eu era filho de cangaceiros? Sim. Naquela época eu não tinha noção das coisas. Quando eu comecei a entender, que eu sabia que tinha uma tia Maria e José que era a irmã de meu pai, não mandou pra ele já foi prevenindo, porque o padre era uma autoridade eclesiástica e político não ia importunar. (CANAL CANGAÇOLOGIA, 2015)

Percebemos em sua fala que apesar da separação indesejada, sempre soube ser filho de cangaceiros. Poucas pessoas sabem que antes de Maria ter Expedita, ela havia engravidado outras vezes: “Maria cuidava da sua quarta gestação. Havia perdido os três primeiros filhos, paridos na Caatinga, sem muita ajuda. Em 13 de setembro de 1932, na sombra de um umbuzeiro, enfim amparada por uma parteira, nasceu Expedita, a única filha do casal.” (NEGREIROS, 2018, p. 168). Não era sempre que se tinha a ajuda de uma parteira, em alguns casos o parto seria auxiliado por quem estivesse no momento, seu companheiro ou alguma cangaceira.

Apesar de ter mulheres no bando, as relações amorosas não era uma constante, pois segundo Negreiros (2018): “Nos coito, o sexo era raro. O código de conduta sexual, elaborado a partir de crendices e superstições, desestimulava relações às sextas e em vésperas de mudanças. O melhor seria esperar três dias depois do sexo para pegar estrada”. (NEGREIROS, 2018, p.72).

Mesmo com a presença de diversas mulheres, muitas acabaram ficando no anonimato, mas outras ficaram bem conhecidas como Maria Bonita, Sila, Durvinha, Dadá, entre outras. Essas mulheres, assim como as sertanejas, não conheciam os métodos anticoncepcionais e conseqüentemente engravidavam mesmo contra sua vontade. Porém, como já afirmamos anteriormente, o cangaço não era um lugar adequado para crianças, e com isso, as cangaceiras abandonavam seus filhos logo ao nascerem, pois não tinham condições para criar. “... Frágeis recém-nascidos não combinavam com a bruta rotina do cangaço, entre espetadas de sol e de

chuvas de tiro. Ademais o choro denunciaria a presença dos bandoleiros para as forças oficiais”. (NEGREIROS, 2018, p.63).

O abandono é uma prática antiga. Venâncio²¹ (2005), explica que “o abandono não era encarado como uma manifestação de falta de responsabilidade” (VENÂNCIO, 2005, p. 34), mas, sim, uma forma de amor, visto que os cangaceiros e cangaceiras procuravam o melhor para seus filhos. Assim aconteceu com os filhos dos cangaceiros, que corriam risco de vida constante, desde o ventre de sua mãe. Havia as que procuravam um lugar (uma família) para deixarem seus filhos, mas algumas dessas crianças acabavam sendo abandonadas pelo caminho.

No dia 15 de agosto de 1932, após um breve combate com os cangaceiros na cidade de sergipiana de Curitiba, soldados da volante de Manoel Neto, como de hábito, decidiram-se a inspecionar o local onde o grupo estava acampado. Em meios aos pertences abandonados, encontraram uma garotinha. A menina, levada para a cidade e batizada de Zuleide, seria criada por um comerciante local. O pequeno José Vicente, filho adotivo de um soldado, havia sido achado por este no meio do mato, durante uma perseguição a cangaceiros nas proximidades de Santo Antônio da Glória. (NEGREIROS, 2018, p. 107)

Algumas crianças não tiveram a sorte de ter nascido em um período tranquilo para que pudessem ser levadas para as famílias escolhidas para eles, e assim, os pais biológicos, acabavam perdendo o contato totalmente. Esse costume de criarem filhos de outras pessoas era um hábito comum entre os sertanejos, foi sendo construído ao longo dos séculos no Brasil:

A prática de criar filhos alheios sempre, e em todos os tempos, foi amplamente difundida e aceita no Brasil. São inclusive raras as famílias brasileiras que, mesmo antes de existir o estatuto da adoção, não possuíam um filho de criação em seu seio. (MARCÍLIO, 2016, p.68)

Quando as cangaceiras tinham filhos, queriam cada vez mais sair dessa vida no cangaço, para poder criar os seus filhos, isso fica claro com a fala de Inacinho, filho de Moreno e Durvinha, que relembra as histórias que lhe foram contadas na infância e adolescência:

No cangaço não iria sobreviver já cheguei debilitado, havia tiroteio, minha mãe correndo comigo nos braços e outros cangaceiros, meu pai atirando na polícia para minha mãe fugir comigo e eu chorando. Veja bem, o choro de uma criança na mata de madrugada no silêncio se houve a quilômetros. Meu pai foi muito inteligente em desfazer da criança, minha mãe não queria; queria me criar, mas ela não tinha meios para me criar, eu não tenho magoa, eu tenho orgulho da inteligência de meus pais. (CANAL CANGAÇOLOGIA, 2015)

Um recorte da revista da época “A noite Ilustrada” traz informações sobre o bando e dessas crianças que nasceram no cangaço.

²¹Dossiê: Mensagens do abandono, Renato Pinto Venâncio. **REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL**. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura, v. 4, set. 2005.



Imagem 1: Recorte da Revista A Noite Ilustrada, 1938.

Nesta imagem podemos perceber algumas imagens, são fotos dos filhos desses cangaceiros, umas ainda recém-nascidas e outras com idade maior. Percebemos que na reportagem tem por título: “Uma página de emoção à margem do cangaço”, dando ênfase à publicação. Devido ao desgaste e à forma que a imagem foi posta no blog não é possível realizar a leitura completa, no entanto, na página seguinte essa leitura é possível, e então temos uma das cartas ou bilhetes que eram entregues com os filhos do cangaceiro.

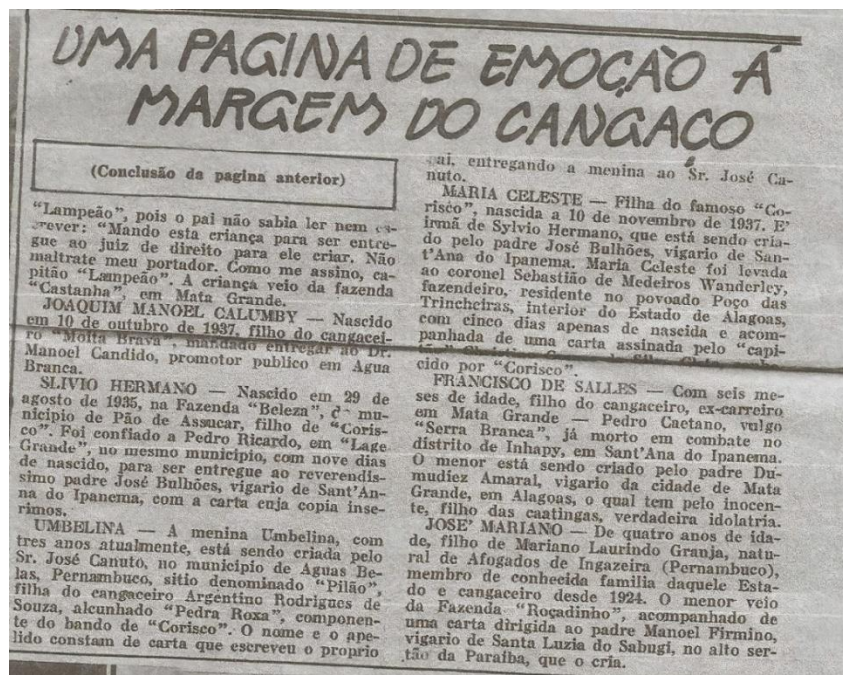


Imagem 2: Recorte da Revista A Noite Ilustrada 1938 (continuação da imagem 1).

Analisando o contexto da época, entre 1920 e 1930, muitos brasileiros não eram alfabetizados, principalmente na região do Nordeste, onde os sertanejos não tinham estrutura para a educação. Principalmente as mulheres, que era preferível aprender a fazer as tarefas domésticas do que ler e escrever. Foi o caso da cangaceira Dadá:

Por decisão do pai, seu Vicente, Dadá não havia freqüentado a escola. Quando ela tinha sete anos, os pais consideraram a possibilidade e de matriculá-la em um educandário da vizinhança. Depois de alguma conversa, seu Vicente deu a palavra final: em vez de estudar, a filha ficaria em casa, ajudando a mãe nas tarefas domésticas e cuidando dos seus irmãos menores. (NEGREIROS, 2018, p. 46)

Sendo assim, os bilhetes que acompanhavam as crianças acabavam sendo escritos por outra pessoa, as vezes pelo próprio Lampião que aprendeu a ler e escrever como outros do grupo. O uso de bilhetes ao entregar crianças, era uma prática que veio desde a sociedade colonial, Venâncio (2005), explica a função: “Os bilhetes presos às roupas das crianças abandonadas informavam o nome do órfão e pediam bom tratamento e confirmação do batismo” (VENÂNCIO, 2005, p.32); e não era diferente com os cangaceiros, que utilizavam bilhetes para identificar seus filhos, pedir para que fossem bem-criados. Porém, algumas crianças seriam deixadas ali mesmo, por onde passavam, sem nenhuma identificação (CANAL CEEC - CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA, 2016). A entrega de bilhetes acompanhados com as crianças era algo comum, isso não significa que era uma regra, infelizmente são poucas que se tem registro. Temos apenas alguns recortes ou frases dessas cartas, no caso da encontrada com o filho de Otilia:

“Ele [o menino] não é culpado dos malfeitos do pai”. Dizia o texto, em um dos trechos. Otilia vestiu o bebê com as roupinhas que confeccionou durante a gestação e se despediu do seu filho que não poderia ver crescer. O garotinho, que seria batizado com nome de José, foi arrancado dos braços da mãe com três dias de vida. (NEGREIROS, 2018, p. 152).

A carta não foi escrita pelos pais da criança, o encarregado dessa tarefa foi o cangaceiro Corisco, que acompanhava o bebê para o seu novo lar. José, como seria chamado, foi entregue ao vigário Manuel Firmino Pinheiro, na Paróquia de Mata Grande, em Alagoas. (NEGREIROS, 2018). Essas são as informações que se tem do menino José. A imagem a seguir é do menino José, encontrada no facebook²²; não foi encontrada entrevista com ele. Portanto, não sabemos

²²Pesquisando imagens a respeito dos filhos dos cangaceiros, enquanto crianças, “O cangaço”, que tem por administrador Pedro Melo no facebook, por meio do blog Mendes & Mendes me deparei com a referência do grupo em uma publicação, por se tratar de um grupo sobre o cangaço, tendo acesso a diversas imagens, e dentre dessas imagens foi possível encontrar imagens de crianças filhos dos cangaceiros.

como foi sua infância ou se teria conhecimento de sua origem. A foto a seguir é um dos poucos registros que se tem de sua infância:

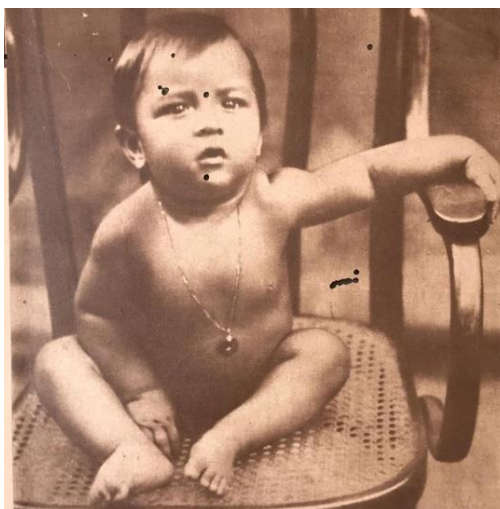


Imagem 3: Revista A Noite Ilustrada, 1938.

Na entrevista fornecida para o canal Cangaçologia, Inacinho fala do bilhete que foi entregue com ele, a carta não existe mais, apenas o que guarda em suas lembranças de criança em que teve a oportunidade de ler:

Estava com 30 dias de nascido para levar para o padre criar, juntamente comigo foi uma carta ou bilhete digamos assim, porque eu cheguei a ler e ali estava escrito o nome da minha mãe o nome dos meus avôs e o meu nome seria Durval Gomes de Sá e mais o meu umbigo amarrado (enrolado) em uns gases. (CANAL CANGANÇOLOGIA, 2015).

Podemos perceber que o abandono era a única escolha que eles tinham para salvar a vida de seus filhos. Muitas queriam largar a vida no cangaço para poder cuidar de seus filhos, porém as normas do bando não permitiam. Quando o companheiro morria em combate, a cangaceira não poderia sair do cangaço, era regra escolher outro companheiro. Barreira (2018), traz o exemplo da cangaceira Lili, que ficou viúva duas vezes, permaneceu no cangaço. Isso porque depois de entrar no cangaço não podia sair, se os macacos (a volante), soubessem poderiam ir ao seu encontro e conseguir informações sobre a organização do bando, da localização dos coitos, e ela poderia denunciar os sertanejos e fazendeiros que os ajudavam.

O irmão de Inacinho, Valdeci, por meio de uma entrevista, fala de como foi viver sendo filho de cangaceiro na infância, de acordo com sua fala, eles não sabiam que os seus pais escondiam um segredo de sua vida passada, de que um dia foram cangaceiros. No entanto, isso não significava que tiveram uma infância comum, pois estranharam serem apenas eles, e não conhecerem seus parentes: “... não tinha tios, não tinha avôs, meus coleguinhas tudo tinha, e

não contava nada com nada [...] morava no interior e não participava da conversa, não é igual a hoje que o filho participa da conversa dos pais” (CANAL CANGAÇOLOGIA, 2015).

Mesmo não conhecendo a vida dos seus pais, isso trouxe consequências para sua vida, principalmente na infância que viveu rodeado de dúvidas e questionamento, chegaram a achar que seus pais poderiam ser irmãos e por isso não podiam falar de seus parentes, relata Valdeci em entrevista. Porém, quando se teve a descoberta do filho Inácio, já quando eram adultos, descobriram que seus pais na verdade um dia fizeram parte do bando de cangaceiro mais temido do sertão.

No canal “O cangaço na Literatura”, é realizada uma entrevista com o filho de Dadá e Corisco, Silvio Hermano Bulhões. Este alerta no início da entrevista que há “uma série de falhas quanto à memória”, pois diz ter dificuldades para lembrar nomes e datas. Silvio conta que era o quinto filho de Dadá e Corisco e que os que antecederam não se criaram, pois não resistiram às dificuldades da vida na caatinga e os primeiros cuidados que se tinham com os recém-nascidos, no qual era colocado uma série de remédios naturais, e que estava presente nesta mistura o fumo para ser colocado no umbigo da criança para cicatrizar mais rápido. Muitas não resistiam e morriam quando completavam sete dias de vida. Silvio relata que na hora do seu nascimento aconteceu um tiroteio e tiveram que sair em retirada do local onde estavam. Quando estavam seguros novamente, foi armada uma tenda, na qual Dadá deu à luz a Silvio, Moça foi a parteira. (CANAL O CANGAÇO NA LITERATURA, 2017). Silvio relata na entrevista que junto com ele foi entregue uma carta, porém não a possui, mas chegou a lê-la em um livro “Bandoleiros da Caatinga” (1988). Afirma que não a memorizou, e ainda ressalta a todo o momento que Dadá relatava muitas histórias, porém na época não as memorizava, pois na época não dava importância. A seguir temos a imagem de Silvio ainda criança:



Imagem 4: Revista A Noite Ilustrada, 1938.²³

²³De acordo com as informações retiradas do próprio site: “O filho de Cangaceiros Silvio Hermano, filho de Dadá e Corisco, criado pelo Padre Bulhões, Santana de Ipanema-AL. Foto: REVISTA NOITE ILUSTRADA (RECORTADA E AMPLIADA). Publicado no dia 28 de fevereiro de 2022.”

Negreiros (2018), ao abordar o nascimento de Silvio, afirma que este foi o quarto filho de Dadá e que foi entregue à família adotiva com quatorze dias, havendo divergências nas afirmações. E no bilhete/carta que foi entregue junto com Silvio estava escrito o seguinte:

Ilmo. Exmo. Snr. Reverendíssimo Vigário Da Igreja de Santa Do Ypanema Bulhanzes dezejo que esta va li encontrá gozando perfeita Saude y pás de espírito a si com os que li forem caros. Senhor Bulhanzes segue em companhia desta carta este menino para u Snr. Criá como seu filho y educá da forma que puder. A madrinha he nossa Senhora y um padrinho eh u Snr. Mesmo pesso au Bom Vigário que crie este menino da melhor forma que puder u pai do menino sou eu capitão Cristino Gomes da Silva Cleto conhecido por Curisco. A mai do menino he Cerja Maria Da Conceição conhecida por Dadá. Capitão Curisco chefe de Grupo dos Grandes Cangaceiros. (NEGREIROS, 2018, p. 172)

Ao ser questionado se sabia ser filho de filho cangaceiro, afirma que sempre ouvia as pessoas falarem “olha o filho de Corisco”, mas apenas com nove anos que teve a certeza. Abaixo temos a foto dos pais de Silvio, Corisco e Dadá, um fato interessante é que Dadá está grávida, de uma menina, Celeste, de acordo com Silvio na entrevista.



Imagem 5: Benjamin Abrahão

Com a morte de Lampião, o cangaço no Nordeste chegou ao fim, e com ele o medo daqueles que um dia foram temidos por muitos. Aos que sobreviveram e foram viver escondidos em outras regiões para que ninguém descobrisse do seu passado, temiam por seus filhos, estes não nasceram no cangaço, apenas depois. No entanto, isso ainda carregava suas sinas de cangaceiro. Em outra entrevista da série do Canal Cangaçologia “filhos de cangaceiros”, uma entrevista com a filha de Sila, essa narra que em sua infância não sabia que era filha de cangaceiros:

Minha mãe não gostava, meu pai tinha medo. Não gostava que eu soubesse. Eu sofri muito, soube aos poucos eu e meus irmãos (por medo de retaliação). -olha filha de cangaceiro, matador, matador... escutava de mais, eu chorava muito. Na escola ninguém podia saber. Ficamos sabendo na adolescência. (CANAL CANGAÇOLOGIA, 2014)

Como podemos perceber na fala de Gilaene, filha da ex-cangaceira Sila, havia o sentimento de medo e sofrimento. Ela não teve o mesmo destino dos outros e quando nasceu não foi abandonada, essa foi criada por seus pais biológicos.

No canal de Aderbal Nogueira, em uma entrevista com a ex-cangaceira Sila, esta fala de como era difícil estar grávida no cangaço. Esse canal, diferente do outro, está voltado para variedades do Nordeste, trazendo algumas figuras do Nordeste, entre estes, variados temas sobre o cangaço. Em um trecho, Sila narra um pouco de quando esteve grávida no cangaço:

Era muito difícil, tive um filho no mato. Quando eu estava grávida, tinha dia que eu nem podia... a barriga grande, quando precisava a gente tinha que sair correndo, andando, tinha que sair. A gente não entregava a família da gente, porque era perigoso, a polícia procurar a família e ia sofrer, aí procurava uma pessoa estranha, ou que tivesse conhecimento, como eu tinha Galdino que era cunhado do coronel Liberato, aí eu mandei o menino pra lá. Porque sabia que ia ser bem tratado, e foi. Enquanto foi vivo, disse que ele já estava quase rico, mas Deus não quis, ele faleceu. (CANAL ADERBAL NOGUEIRA, 2018)

Seu primeiro filho, assim como os que nasciam no cangaço foram abandonados para serem criados por outra família, quando deixou a vida do cangaço, não pode ficar com seu filho, pois este não estava mais vivo, ela não falava das causas da morte, mas ainda era jovem.

Ser filho de cangaceiro ou ex-cangaceiro não era algo simples, em suas lembranças quando crianças falam que não era algo fácil, a exemplo a filha de Dulce. Martha, em entrevista com o canal Cangaçologia narra como era a relação de sua mãe Dulce e o ex-cangaceiro Criança, este não era seu pai, pois sua mãe teve apenas dois filhos com eles, e esses foram levados por ele quando Dulce encontrou outro companheiro, segundo a fala de Martha:

Minha mãe nunca negou que ela pertenceu ao cangaço. Inclusive nós fomos muito *discriminado por isso*. Era discriminado. Hoje não o cangaço faz parte da história do Brasil, é status. Mas, nos sofremos bastante, eu e meus irmãos por ser filho de ex-cangaceiros. (CANAL CANGAÇOLOGIA, 2015, grifo nosso)

Enquanto crianças foram excluídas, eram discriminadas, por serem filhos de cangaceiros, e não só os que nasceram durante o tempo de atuação do cangaço, mesmo aqueles que nasceram após o fim do cangaço ficaram marcados por ser filho de cangaceiro. Expedita, a filha de Lampião e Maria Bonita, em uma de suas entrevistas falam como era sua vida depois que descobriram que ela era filha do casal de cangaceiros. Ao ser questionado se havia alguém “espitava” um pouco por ser filha de Lampião:

Tinha [...] antes eu tinha muita vergonha, não queria que ninguém tocasse no assunto, quando chegava alguém me perguntando alguma coisa eu saía, eu não gostava. Porque eu me criei já sabendo que era filha de Lampião e Maria Bonita, o casal que me criou avisou “eu sou seus pais”, mas você tem outros pais. Mas, eu tinha eles como meus

pais, os que criou, mas Maria Bonita e Lampião não tinha [...] eu vi Lampião três vezes, mas tinha medo... (CANAL AUGUSTOQM5, 2007)

Por serem discriminados muitos que sobreviveram ao massacre em Angico, preferiram esconder seu passado para proteger os seus filhos. Expedita, filha de Lampião e Maria Bonita, na entrevista que está disponível no canal Augustoqm5²⁴ (2007), narra que até os oito anos de idade sua vida estava bem, após uma denúncia foi retirada de seus pais de criação, e depois de passar um tempo com um juiz foi levada para a casa de seu tio, irmão de Lampião, o único que não entrou para o cangaço, após esse acontecimento, ela afirma que as coisas mudaram, os olhares das pessoas: “Raça de Lampião, Lampião matador, Lampião estuprador, Lampião cangaceiro...”(CANAL AUGUSTOQM5, 2007).

Segundo Barreira (2018), Expedita teria permanecido com os seus pais biológicos por um mês, quando foi enviada para a família de criação, o vaqueiro Severo Mamede que morava na fazenda da família Carvalho, no Sergipe, na qual trabalhava como administrador. Lampião ordenou ao vaqueiro que Expedita fosse encaminhada ao irmão João Ferreira, quando chegasse à idade escolar (BARREIRA, 2018). As ordens de Lampião acabaram se cumprindo, pois “por caminhos tortuosos e inimagináveis, a vontade de Lampião de que Expedita ficasse com a família Ferreira se cumpriu.” (BARREIRA, 2018, p. 169). Em entrevista, Expedita explica porque não gostava de falar de seus pais biológicos:

Ninguém falava de Lampião na minha frente. Eu não queria nem conversa. Ninguém falava, porque eu não gostava nem de falar. Foi quando apareceu em 1969, Cristina da Mata Machado. Quando chegamos no apartamento de Cristina, na Avenida Paulista; tava Sila, Dadá, Criança, Balão, Pintombeira, Labareda. Foi quando conheci todos. Então quando eu fui entrando; levantou todo mundo, “vixe! É uma autoridade”. Daí foi quando eu tirei aquela imagem que só... Porque você ter um pai que todo mundo dizia: “é ladrão”, “é estuprador”, “é criminoso” é isso e aquilo outro; a gente fica com aquele negócio que não quer nem conversa. Depois que conheci a verdadeira face, ai pronto! (CANAL CEEC - CENTRO DE ESTUDOS EUCLYDES DA CUNHA, 2016)

Ao analisarmos a fala de Expedita, notamos que a imagem que ela tinha, enquanto criança de seu pai, Lampião, era negativa, sempre utilizando termos pejorativos. Não era a imagem de um pai comum, carinhoso, amoroso e trabalhador.

A infância de diversas crianças é alterada de acordo com a situação a qual pertence na sociedade, tem as que precisam trabalhar para ajudar os pais, as que sofrem abusos e as que são separadas de seus pais, as que ficam órfãs, são inúmeras situações pela qual as crianças podem

²⁴Este não é destinado somente à informações sobre o cangaço, são vídeos de variedades não tem um tema específico.

passar. Os filhos dos cangaceiros eram separados de seus pais e ainda sofrem com o preconceito da sociedade, de acordo com as lembranças destas que hoje são adultos/adultas, e que na época não tiveram importância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa discutimos a respeito da infância abandonada, tendo como referência os filhos e filhas dos cangaceiros do Nordeste brasileiro. Com a inserção das mulheres no cangaço, em 1930, a presença de bebês tornou-se possível mesmo que por um breve período, visto que logo após o nascimento, entre três ou sete dias, estes bebês eram levados para outras famílias. Mas isso poderia variar, tudo era questão do momento em que nascia a criança, em tempos de calmaria, permaneciam por mais tempo, permitindo preparar as crianças para entregar à família adotiva.

Compreendemos que é somente a partir do século XVII, que começa a ter esse sentimento pela infância, até então na Idade Média não se fazia presente na sociedade, as crianças eram vistas apenas como adultos em miniaturas. Acompanhado este universo da infância, falamos do abandono desses seres que sempre se fizeram presente no tempo.

Essas crianças, filhos e filhas de cangaceiros, foram esquecidas ao longo do tempo pela literatura e pelas mídias, até mesmo na época em que nasceram. A partir da década de 1930, não se falava muito em relação a essas crianças, percebemos isso quando procuramos fontes a respeito dessas personagens. Nos periódicos são inúmeras páginas e edições que tratam o tema do cangaço e a entrada das mulheres, porém referente a seus filhos não há muitas informações. As fotografias de Benjamin Abrahão trazem grande destaque para os cangaceiros, porém não havia nenhuma criança com eles, mas muitas mulheres já haviam tido seus filhos, a única criança presente ainda não teria vindo ao mundo, Maria Celeste Medeiros, estando no ventre de sua mãe, Dadá. Trata-se da fotografia de Dadá e Corisco, mas ao que se percebe ela ainda estava nos primeiros meses de gestação, pois não era perceptível ao olhar. De acordo com o depoimento de Silvio Bulhões, também filho de Corisco e Dadá.



Imagem 6: Benjamin Abrahão

Já as entrevistas encontradas nos canais do youtube permitem um leque de possibilidades a respeito do cangaço e seus filhos, que foram silenciados na época e agora tem a oportunidade de contarem suas lembranças. A revista “A Noite Ilustrada” de 1938, traz uma reportagem acerca das crianças cangaceiras, que apesar de não terem permanecido no cangaço, hoje buscam reconhecimento de que foram e estiveram no cangaço. Não é possível abordar todas as crianças que nasceram no cangaço, pois foram muitas e não se tem tantas informações a respeito.

A partir dessas entrevistas realizadas no youtube percebemos que os filhos e filhas de cangaceiras não guardam mágoa, pelo contrário, narram com orgulho os atos que seus pais biológicos realizaram enquanto cangaceiros, e acreditam que se as circunstâncias permitissem teriam permanecido com seus pais biológicos.

Concluimos que o abandono praticado pelas cangaceiras era algo imposto, contra sua vontade, faziam aquilo pela sobrevivência dos seus filhos e filhas e da segurança do próprio bando, caso a volante ouvisse o choro do bebê em meio a mata. Os bilhetes que acompanhavam essas crianças apresentavam os cuidados que estes tinham com suas crianças. Sem contar que as mulheres não podiam deixar o cangaço, pois estariam colocando em risco a segurança do bando. O ato de abandonar suas crianças era obrigatório, sem exceções, não importava o interesse em permanecer com a criança, nada poderia ser feito, tudo era feito para que os cangaceiros permanecessem protegidos.

Perante o exposto, acreditamos que ainda há muito o que pesquisar sobre essas crianças e, portanto, existem outras possibilidades para se trabalhar o tema da [in]existência da infância no cangaço. Por ora, para uma primeira etapa de pesquisa acadêmica, estas foram as informações coletadas e esperamos ter atingido nosso objetivo, de tentar dar voz a esses sujeitos históricos e assim abrir espaço para novos trabalhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. **X ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: CRUZANDO FRONTEIRAS E ENTRE O REGIONAL E O NACIONAL**, 10, 2010, Santa Maria, RS. IMPRENSA: FONTE DE ESTUDO PARA CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA. Santa Maria, Rs: Anpuhrs, 2010, 11 p.

ALVES, Ismael Gonçalves. Da caridade ao welfarestate: um breve ensaio sobre os aspectos históricos dos sistemas de proteção social ocidentais. **Revista Ciência e Cultura**, v.67 n° 1, São Paulo Jan./Mar. 2015. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252015000100017 Acessado em: 14/01/2022.

ARAÚJO, Raquel Silva. **O PROTAGONISMO FEMININO NO CANGAÇO DE LAMPIÃO (1930 – 1940)**. 25 f. Trabalho de conclusão de Curso -TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura Plena em História, /Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História, A Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BARROS, José D'Assunção. A HISTÓRIA CULTURAL E A CONTRIBUIÇÃO DE ROGER CHARTIER. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n°. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4862954/mod_resource/content/1/Roger%20Chartier%20-%20Hist%C3%B3ria%20Cultural%20entre%20pr%C3%A1ticas%20e%20representa%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acessado em: 05/11/2021

BRAGA, Douglas de Araujo Ramos. A infância como objeto da história um balanço historiográfico. **Revista Angelus Novus**. USP, n. 10, p. 15- 40, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ran/article/download/123935/120177/233851>. Acessado em: 18/01/2022.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BARREIRA, Wagner Gutierrez. **Lampião e Maria Bonita: uma história de amor e balas**. São Paulo: planeta do Brasil, 2018.

CALDEIRA, Laura Bianca. O conceito de infância no decorrer da história. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf. Acessado em: 17/01/2022.

COELHO, Fabiano. CONCEITOS “CULTURA” E “REPRESENTAÇÃO”: CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS HISTÓRICOS. **Fronteiras: Revista de História**, Dourados, MS, v. 16, n°. 28, p.87-99, 2014. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/download/4544/2324>. Acessado em: 09/11/2021.

COSATI, Letícia Conde Moraes. Assistência à Infância na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro: a transformação da Casa dos Expostos (1888-1920). **16º Seminário Nacional de história da Ciência da tecnologia**. UFCG/UEPB. Campina Grande, Paraíba. p. 01-16, 15 a 18, Outubro, 2018. Disponível em:

[https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1545155216_ARQUIVO_ArtigoLeticiaCondeMoraesCosati\(rev\).pdf](https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1545155216_ARQUIVO_ArtigoLeticiaCondeMoraesCosati(rev).pdf). Acessado em: 05/01/2022.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Jesuítas e as crianças no Brasil quinhentista. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Crianças no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CLAUDINO, Nadja. **Maria Bonita: entre o punhal e o afeto**. Cajazeiras: Arribaça, 2020.

CRUZ, Michel Alves da. Mulheres cangaceiras: a essência feminina como questão de gênero e alguns fatos históricos acontecidos no nordeste brasileiro. **Revista Científica Multidisciplinar O Saber**. São Paulo, v. 04, n. 4 p. 01-26, abril, 2021. Disponível em:

<https://revistacientificaosaber.com.br/ojs/envieseuartigo/index.php/rcmos/article/download/75/46/249>. Acessado em: 26/01/2022

DEL PRIORE, Mary Del. **História das Crianças no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DEL PRIORE, Mary. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM.; SATO, L., orgs. **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-16.pdf>. Acessado em 03/11/2021.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

FILHO, Cyro de Barros Rezende. Os pobres na idade média: de minoria funcional a excluídos do paraíso. **Revista ciências humanas**, Universidade de Taubaté (UNITAU) Brasil, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2009. Disponível em: <http://www.unitau.br/revistahumanas>. Acessado em: 14/01/2022. <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/download/211/117>

FREITAS, Francisco Leite de; BARACUHY, Maria Regina; Soares Martins, Edson Memória e interdição da palavra proibida macaco em regiões de cangaço Diálogos - **Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 20, núm. 2, 2016, pp. 150-161 Universidade Estadual de Maringá Maringá, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305549078011>. Acesso em: 21/03/2022.

GEREMEK, Broniskaw. Os **filhos de Caim**: vagabundos e miseráveis na literatura Européia 1400- 1700. Tradução do polonês Henryk Siewiersk. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão- Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

LINHARES, Julia Magalhães. **História social da infância**. Sobral: Faculdade Inta, 2016.

MACHADO, Maria Christina Russi da Matta. Aspectos do fenômeno do cangaço no Nordeste Brasileiro. **Revista de História**, [S. l.], v. 46, n. 93, p. 139-175. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/131939>. Acesso em: 17/04/ 2019.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História Social da Criança abandonada**. São Paulo: HUCITEC, 1998. <https://pt.slideshare.net/geanipedrosa/histria-social-da-criana-abandonada-autora-maria-luza-marclio>

MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil 1726- 1950. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez Editora, 2016.

MARTINS, Suely Aparecida. E. P. Thompson e a educação: a socialização como experiência. **Revista HISTEDBRO on-line**, Campinas, nº 59, p.304-317, out2014 – ISSN: 1676-2584 304.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Crianças no Brasil**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MELO, Jennifer Silva. Breve histórico da criança no Brasil: conceituando a infância a partir do debate historiográfico. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 2, 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/2/breve-historico-da-crianca-no-brasil-conceituando-a-infancia-a-partir-do-debate-historiografico>. Acessado em: 05/01/2022

MERGÁR, Stella Scantamburlo de. A criança e a adoção no Brasil: um trajeto histórico dos “filhos de criação” do século XVI até a promulgação do ECA. **Revista hydra** v. 4, nº 7. Dezembro de 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/download/9668/7611>. Acessado em 05/01/2022. Acesso em: 21/02/2022.

NEGREIRO, Adriana. **Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço**. Rio de janeiro: Objetivo, 2018.

OLIVEIRA, Guerda Míria Torres. **A presença das mulheres no cangaço**. Monografia (História) – Centro de Ciência Humanas, Letra e Artes Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 1996, p. 43.

PEREIRA, Lais Fontenelle. O desaparecimento da infância. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, SP, v. 18, n. 19, p. 148-152, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/353>. Acessado em: 18/01/2022.

PEREIRA, Marina Rosa. **USO DO YOUTUBE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA**. 2018. 31 f. Tese (Doutorado) - Curso de Licenciatura em Computação, Departamento de Ciência da Computação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Araxá/Mg, 2018. Disponível em: <http://monografias.ice.ufjf.br/tcc-web/exibePdf?id=440>. Acesso em: 21 mar. 2022.

ROSA, Andreia Silvana da. **História em Tempos de Youtube**: uma análise acerca da história difundida pelo canal nostalgia. 2018. 76 f. Monografia (Especialização) - Curso de Bacharelado e Licenciatura em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SÁ, Sarah Ritchelle Cristovão de. **A mulher no cangaço: Um olhar para além de Maria bonita (1930-1938)**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Graduação em Licenciatura plena em História da Universidade Federal de Alagoa. Delmiro Gouveia, AL, p. 67. 2020.

SARTORI, Ester de S. R. Entre tempo, memória e história se constroem as narrativas do passado, memória e escrita: um encontro. **Itaú Cultural**, São Paulo, 10 de abr de 2018. Disponível em: [<https://www.itaucultural.org.br/entre-tempo-memoria-e-historia-se-constroem-as-narrativas-do-passado#>](https://www.itaucultural.org.br/entre-tempo-memoria-e-historia-se-constroem-as-narrativas-do-passado#>) Acessado em: 10/03/2022.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade Negada. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

Canais do Youtube:

-Filhos do cangaço - Série de depoimentos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FkdmZlmyzL4>

Acessado em: 10/04/2019

-Filhos do Cangaço - Inácio Carvalho Oliveira "Inacinho" filho do casal cangaceiro Moreno e Durvinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S3yhzWwR0E>

Acessado em: 15/04/2019

-Filhos do Cangaço - Entrevista com Gilaene (Gila) filha do ex casal de cangaceiros Zé Sereno e Sila. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IDe6IraE3bE>

Acessado em: 20/04/2019

-Filhos do Cangaço - Valdeci "Preto" Souto (Entrevista) filho do casal cangaceiro Moreno e Durvinha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U7YC9mNs9r4>

Acessado em: 10/04/2019

-Sila documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wxKHA8JH8rY&t=19s>

Acessado em: 05/05/2019

-Entrevista com a filha de Lampião. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nwHfnAnptgs&t=335s>

Acessado em: 05/05/2019

- O filho de corisco e Dadá. (Parte 1) Canal: O Cangaço na Literatura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uWMfEMe7pVs&list=PL9UcmEfWm9vnRZXtW_uvzprze4TG52Vze&index=6. Acessado em: 8/03/2022

-O filho de corisco e Dadá (Parte 2). https://www.youtube.com/watch?v=t6PcbgM5hrI&list=PL9UcmEfWm9vnRZXtW_uvzprze4TG52Vze&index=13. Disponível em: 09/03/2022.

- O filho de corisco e Dadá. (Parte 3) Canal: O Cangaço na Literatura. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tY7fDe_Qw70&list=PL9UcmEfWm9vnRZXtW_uvzprze4TG52Vze&index=18. Disponível em: 09/03/2022.

Blog

Crianças filhos de cangaceiros que foram entregues para serem criados longe do cangaço. Disponível em: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com/2015/02/criancas-filhos-de-cangaceiros-que.html>. Acessado em: 08/04/2019

Imagens

Imagem 1: Imagem retirada do blog Mendes & Mendes, 2015. Disponível em: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com/2015/02/criancas-filhos-de-cangaceiros-que.html>, acesso em: 08/04/2019.

Imagem 2: Imagem retirada do blog: Mendes & Mendes, 2015, disponível em: <http://blogdomendesemendes.blogspot.com/2015/02/criancas-filhos-de-cangaceiros-que.html>, acesso em: 08/04/2019.

Imagem 3: Imagem retirada do Facebook: Pedro Melo, administrador do grupo “O cangaço”, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1215833438747921&set=g.35415183552784>. Acessado em: 01/03/2022.

Imagem 4: Imagem retirada do facebook: Pedro Melo, administrador do grupo “O cangaço”, 2020 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1711247442539849&set=gm.1011711573105197> Acesso em: 01/02/2022.

Imagem 5: Imagem retirada da internet: site BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45304399>. Acesso em: 16/03/2022.

Imagem 6: Imagem retirada da internet: site BBC NEWS. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45304399>. Acesso em: 18/03/2022.


ANEXO – AUTORIZAÇÕES PARA USO DO MATERIAL DISPONIBILIZADO NOS SITES RESPECTIVAMENTE: CANGAÇOLOGIA, O CANGAÇO NA LITERATURA E ADERBAL NOGUEIRA.

←  **Geraldo Antônio D...**  

Bom dia! Tudo bem? Meu nome é Eliane Lins, sou graduanda do curso de Licenciatura em História na Universidade de Campina Grande, Paraíba. Mais especificamente da UFCG-CFP que é o centro de formação de professores na cidade de Cajazeiras-PB. Meu projeto de pesquisa tem por tema "os filhos dos cangaceiros", e como fonte de pesquisa estou utilizando vídeos que encontro no YouTube, e no seu canal encontrei alguns que são de grande importância para minha pesquisa. No entanto, para utilizá-los preciso de sua autorização, então por meio desta mensagem gostaria de saber se o Senhor autoriza a utilização de seus vídeos, ressalto que serão todos referenciados de acordo com as normas da ABNT.

←  **Geraldo Antônio D...**  

Boa noite, Eliane. Pode utilizar sim. Não há nenhum problema.


 Obrigado pela deferência.

←  **Robério Santos**
ocangaconaliteratura  



Bom dia! Tudo bem? Robério, sou aluna do curso de história, e queria pedir autorização para utilizar o seu material do YouTube, pois trabalho com o tema dos filhos e filhas dos cangaceiros na pesquisa do tcc. Agradeço desde já
Att.
Eliane Lins

Hoje 10:43


Totalmente



 No que você precisar, conte comigo

Muito obrigada, Robério!

 Eliane Lins • há 6 meses 
Boa noite! Sou graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade de Campina Grande, Paraíba. Gostaria de utilizar esse vídeo para realização de uma pesquisa, se for permitido pelo canal. Gostaria de parabenizá-lo por seu trabalho, e agradeço desde já pela atenção.

 1   1

 Adicione uma resposta...

 **Aderbal Nogueira - Cangaço** • há 6 meses 
Para suas pesquisas fique a vontade. Se possível só me diga onde ok, se poder avise por e-mail aderbalnog@terra.com.br

 1 